



**Universidade da Amazônia**

# Poemas

**de Fagundes Varella**



**NEAD – NÚCLEO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA**

Av. Alcindo Cacela, 287 – Umarizal

CEP: 66060-902

Belém – Pará

Fones: (91) 210-3196 / 210-3181

[www.nead.unama.br](http://www.nead.unama.br)

E-mail: [uvb@unama.br](mailto:uvb@unama.br)

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

## Poemas

de Fagundes Varella

### DE VOZES DA AMÉRICA

#### NAPOLEÃO

Sobre uma ilha isolada,  
Por negros mares banhada,  
Vive uma sombra exilada,  
De prantos lavando o chão;  
E esta sombra dolorida,  
No frio manto envolvida,  
Repete com voz sumida:  
— Eu inda sou Napoleão.

Tremem convulsas as plagas  
Bravias lutam as vagas,  
Solta o vento horríveis pragas  
Nos cendais da escuridão;  
Mas nas torvas penedias  
Entre fundas agonias,  
Ela diz às ventanias:  
— Eu inda sou Napoleão.

— E serei! do céu da glória,  
Nem dos bronzes da memória,  
Nem das páginas da história  
Meus feitos se apagarão;  
Passe a noite e as tempestades,  
Venham remotas idades,  
Caíam povos e cidades,  
— Sempre serei Napoleão.

Da coluna de Vendôme,  
O bronze, o tempo consome,  
Porém não apaga o nome  
Que tem por bronze a amplidão.  
Apesar de infausto dia,  
Da infâmia que tripudia,  
Dos bretões a cobardia,  
— Sempre serei Napoleão.

Nos vastos plainos do Egito,  
Sobre Titãs de granito,  
Eu tenho um poema escrito  
Que deslumbra a solidão.  
Das Ísis rasguei os véus,

Entre os altares fui deus,  
Fiz povos escravos meus,  
— Ah! inda sou Napoleão.

Desde onde o crescente brilha  
Até onde o Sena trilha,  
Tive o mundo por partilha  
Tive imensa adoração;  
E de um trono de fulgores  
Fiz dos grandes — servidores,  
Fiz dos pequenos — senhores,  
— E sempre fui Napoleão.

Quando eu cortava os desertos,  
Vinham-me os ventos incertos  
De incenso e mirra cobertos  
Lamber-me as plantas no chão;  
As caravanas paravam,  
E os romeiros que passavam  
Às solidões perguntavam:  
— É este o deus Napoleão?

E lá nas plagas fagueiras,  
Onde as brisas forasteiras,  
Entre selvas de palmeiras  
Corre o sagrado Jordão,  
O lago dizia ao prado,  
O prado ao monte elevado,  
O monte ao céu estrelado:  
— Vistes passar Napoleão!

Dizei, auras do Ocidente,  
Dizei, tufão inda quente  
Do bafejo incandescente  
Do não vencido esquadrão,  
Como é ele? é belo, ousado?  
Tem o rosto iluminado?  
Tem o braço denodado?  
— Sempre é grande Napoleão?

E as águias no céu corriam,  
E os areais se volviavam,  
E horrendas feras bramiam  
No imenso da solidão;  
Mas as vozes do deserto  
Se erguiam como um concerto  
E vinham saudar-me perto:  
— Tu és, senhor, Napoleão!

— Se sou! que Marengo o conte,

De Austerlitz o horizonte,  
E aquela soberba ponte  
Que transpus como o tufão!  
E a minha vida de Ajácio,  
E o meu sublime palácio,  
E os pescadores do Lácio  
Que só dizem — Napoleão!

Se o sou! que digam as plagas,  
Onde do sangue nas vagas,  
Coberta de enormes chagas  
Dorme vil população;  
Digam da Ásia as bandeiras,  
Digam longas cordilheiras,  
Que se abatiam, rasteiras,  
Ao corcel de Napoleão!

Se o sou! diga Santa Helena  
Onde a mais sublime cena  
Fechou tranqüila e serena  
Minha história de Titão,  
Digam as ondas bravias,  
Digam torvas penedias,  
Onde as rijas ventanias  
Vêm murmurar: — Napoleão.

E serei! do céu, da glória,  
Nem dos bronzes da memória  
Nem das páginas da história  
Meus feitos se apagarão!  
Assim na rocha isolada  
Pelas espumas banhada,  
Disse a sombra desterrada,  
De prantos lavando o chão.

As névoas rolam nos céus,  
Da noite escura nos véus  
Soltam negros escarcéus  
Rugidos de imprecação;  
Mas das sombras a espessura  
A face da onda escura,  
O salgueiro que murmura  
Tudo fala — Napoleão!

#### SONETO

Desponta a estrela d'alva, a noite morre.  
Pulam no mato alígeros cantores,  
E doce a brisa no arraial das flores  
Lânguidas queixas murmurando corre.

Volúvel tribo a solidão percorre  
Das borboletas de brilhantes cores;  
Soluça o arroio; diz a rola amores  
Nas verdes balsas donde o orvalho escorre.

Tudo é luz e esplendor; tudo se esfuma  
Às carícias da aurora, ao céu risonho,  
Ao flóreo bafo que o sertão perfuma!

Porém minh'alma triste e sem um sonho  
Repete olhando o prado, o rio, a espuma:  
— Oh! mundo encantador, tu és medonho!

### ILUSÃO

Sinistro como um fúnebre segredo  
Passa o vento do Norte murmurando  
Nos densos pinheirais;  
A noite é fria e triste; solitário  
Atravesso a cavalo a selva escura  
Entre sombras fatais.

À medida que avanço, os pensamentos  
Borbulham-me no cérebro, ferventes,  
Como as ondas do mar,  
E me arrastam consigo, alucinado,  
À casa da formosa criatura  
De meu doido cismar.

Latem os cães; as portas se franqueiam  
Rangendo sobre os quícios; os criados  
Acordem pressurosos;  
Subo ligeiro a longa escadaria,  
Fazendo retinir minhas esporas  
Sobre os degraus lustrosos.

No seu vasto salão iluminado,  
Suavemente repousando o seio  
Entre sedas e flores,  
Toda de branco, engrinaldada a fronte,  
Ela me espera, a linda soberana  
De meus santos amores.

Corro a seus braços trêmulo, incendiado  
De febre e de paixão... A noite é negra,  
Ruge o vento no mato;  
Os pinheiros se inclinam, murmurando:  
— Onde vai este pobre cavaleiro  
Com seu sonho insensato?...

### DEIXA-ME!

Quando cansado da vigília insana  
Declino a fronte num dormir profundo,  
Por que teu nome vem ferir-me o ouvido,  
Lembrar-me o tempo que passei no mundo?

Por que teu vulto se levanta airoso,  
Tremendo em ânsias de volúpia infinda?  
E as formas nuas, e ofegante o seio,  
No meu retiro vens tentar-me ainda?

Por que me falas de venturas longas,  
Por que me apontas um porvir de amores?  
E o lume pedes à fogueira extinta,  
Doces perfumes a polutas flores?

Não basta ainda essa existência escura,  
Página treda que a teus pés compus?  
Nem essas fundas, perenais angústias,  
Dias sem crenças e serões sem luz?

Não basta o quadro de meus verdes anos  
Manchado e roto, abandonado ao pó?  
Nem este exílio, do rumor no centro,  
Onde pranteio desprezado e só?

Ah! não me lembres do passado as cenas,  
Nem essa jura desprendida a esmo!  
Guardaste a tua? a quantos outros, dize,  
A quantos outros não fizeste o mesmo?

A quantos outros, inda os lábios quentes  
De ardentes beijos que eu te dera então,  
Não apertaste no vazio seio  
Entre promessas de eternal paixão?  
Oh! fui um doido que segui teus passos,  
Que dei-te em versos de beleza a palma;  
Mas tudo foi-se, e esse passado negro  
Por que sem pena me despertas n'alma?

Deixa-me agora repousar tranqüilo,  
Deixa-me agora dormir em paz,  
E com teus risos de infernal encanto  
Em meu retiro não me tentes mais!

### O VIZIR

— Não derribes meus cedros! murmurava  
O gênio da floresta aparecendo  
Adiante de um vizir, senão eu juro  
Punir-te rijamente! E no entanto

O vizir derribou a santa selva!  
Alguns anos depois foi condenado  
Ao cutelo do algoz. Quando encostava  
A cabeça febril no duro cepo,  
Recuou aterrado: — “Eternos deuses!  
Este cepo é de cedro!” E sobre a terra  
A cabeça rolou banhada em sangue!

NÃO TE ESQUEÇAS DE MIM!  
Não te esqueças de mim, quando erradia  
Perde-se a lua no sidéreo manto;  
Quando a brisa estival roçar-te a fronte,  
Não te esqueças de mim, que te amo tanto.

Não te esqueças de mim, quando escutares  
Gemer a rola na floresta escura,  
E a saudosa viola do tropeiro  
Desfazer-se em gemido de tristeza.

Quando a flor do sertão, aberta a medo,  
Pejar os ermos de suave encanto,  
Lembre-te os dias que passei contigo,  
Não te esqueças de mim, que te amo tanto.

Não te esqueças de mim, quando à tardinha  
Se cobrirem de névoa as serranias,  
E na torre alvejante o sacro bronze  
Docemente soar nas freguesias!

Quando de noite, nos serões de inverno,  
A voz soltares modulando um canto,  
Lembre-te os versos que inspiraste ao bardo,  
Não te esqueças de mim, que te amo tanto.

Não te esqueças de mim, quando meus olhos  
Do sudário no gelo se apagarem,  
Quando as roxas perpétuas do finado  
Junto à cruz de meu leito se embalarem.

Quando os anos de dor passado houverem,  
E o frio tempo consumir-te o pranto,  
Guarda ainda uma idéia a teu poeta,  
Não te esqueças de mim, que te amo tanto.

#### SONETO

Eu passava na vida errante e vago  
Como o nauta perdido em noite escura,  
Mas tu te ergueste peregrina e pura  
Como o cisne inspirado em manso lago.



Beijava a onda num soluço mago  
Das moles plumas a brilhante alvura,  
E a voz unvida de eternal doçura  
Roçava as nuvens em divino afago.

Vi-te; e nas chamas de fervor profundo  
A teus pés afoguei a mocidade  
Esquecido de mim, de Deus, do mundo!

Mas ai! cedo fugiste!... da saudade,  
Hoje te imploro desse amor tão fundo  
Uma idéia, uma queixa, uma saudade!

#### ELEGIA

A noite era bela — dormente no espaço  
A lua soltava seus pálidos lumes;  
Das flores fugindo, corria lasciva  
A brisa embebida de moles perfumes.

Do ermo os insetos zumbiam na relva,  
As plantas tremiam de orvalho banhadas,  
E aos bandos voavam ligeiras falenas  
Nas folhas batendo com as asas douradas.

O túrbido manto das névoas errantes  
Pairava indolente no topo da serra;  
E aos astros — e às nuvens perfumes — sussurros,  
Suspiros e cantos partiam da terra.

Nós éramos jovens — ardentes e sós,  
Ao lado um do outro no vasto salão;  
E as brisas e a noite nos vinham no ouvido  
Cantar os mistérios de infinda paixão!

Nós éramos jovens — e a luz de seus olhos  
Brilhava incendida de eternos desejos,  
E a sombra indiscreta do níveo corpinho  
Sulcava-lhe os seios em brandos arquejos!

Nós éramos jovens — e as balsas floridas  
O espaço inundavam — de quentes perfumes,  
E o vento chorava nas tílias do parque,  
E a lua soltava seus tépidos lumes!...

Ah! mísero aquele que as sendas do mundo  
Trilhou sem o aroma de pálida flor,  
E à tumba declina, na aurora dos sonhos,  
O lábio inda virgem dos beijos de amor!

Não são dos invernos as frias geadas,

Nem longas jornadas que os anos apontam.  
O tempo descora nos risos e prantos,  
E os dias do homem por gozos se contam.

Assim nessa noite de mudas venturas,  
De louros eternos minh'alma enastrei;  
Que importa-me agora martírios e dores,  
Se outrora dos sonhos a taça esgotei?

Ah! lembra-me ainda! — nem um candelabro  
Lançava ao recinto seu brando clarão,  
Apenas os raios da pálida lua  
Transpondo as janelas batiam no chão.

Vestida de branco — nas cismas perdida,  
Seu mórbido rosto pousava em meu seio,  
E o aroma celeste das negras madeixas  
Minh'alma inundava de férvido anseio.

Nem uma palavra seus lábios queridos  
Nos doces espasmos diziam-me então:  
Que valem palavras, quando ouve-se o peito  
E as vidas se fundem no ardor da paixão?

Oh! céus! eram mundos... ai! mais do que mundos  
Que a mente invadiam de etéreo fulgor!  
Poemas divinos — por Deus inspirados,  
E a furto contados em beijos de amor!

No fim do seu giro, da noite a princesa  
Deixou-nos unidos em brando sonhar;  
Correram as horas — e a luz da alvorada  
Em juras infindas nos veio encontrar!

Não são dos invernos as frias geadas,  
Nem longas jornadas que os anos apontam...  
O tempo descora nos risos e prantos,  
E os dias do homem por dores se contam!

Ligeira... essa noite de infindas venturas  
Somente em minh'alma lembranças deixou...  
Três meses passaram, e o sino do templo  
À reza dos mortos os homens chamou!

Três meses passaram — e um lívido corpo  
Jazia dos círios à luz funeral,  
E, à sombra dos mirtos, o rude coveiro  
Abria cantando seu leito afinal!...

Nós éramos jovens, e a senda terrestre

Trilhávamos juntos, de amor a sorrir,  
E as flores e os ventos nos vinham no ouvido  
Contar os arcanos de um longo porvir!

Nós éramos jovens, e as vidas e os seios,  
O afeto prendera num cândido nó!  
Foi ela a primeira que o laço quebrando  
Caiu soluçando das campas no pó!

Não são dos invernos as frias geadas,  
Nem longas jornadas que os anos apontam,  
O tempo descora nos risos e prantos,  
E os dias do homem por dores se contam!  
— 1861.

#### TRISTEZA

Eu amo a noite com seu manto escuro  
De tristes goivos coroadas a frente  
Amo a neblina que pairando ondeia  
Sobre o fastígio de elevado monte.

Amo nas plantas, que na tumba crescem,  
De errante brisa o funeral cício:  
Porque minh'alma, como a sombra, é triste,  
Porque meu seio é de ilusões vazio.

Amo a desoras sob um céu de chumbo,  
No cemitério de sombria serra,  
O fogo-fátuo que a tremer doideja  
Das sepulturas na revolta terra.  
Amo ao silêncio do ervaçal partido  
De ave noturna o funerário pio,  
Porque minh'alma, como a noite, é triste,  
Porque meu seio é de ilusões vazio.

Amo do templo, nas soberbas naves,  
De tristes salmos o troar profundo;  
Amo a torrente que na rocha espuma  
E vai do abismo repousar no fundo.

Amo a tormenta, o perpassar dos ventos,  
A voz da morte no fatal parcel,  
Porque minh'alma só traduz tristeza,  
Porque meu seio se abrevou de fel.

Amo o corisco que deixando a nuvem  
O cedro parte da montanha, erguido,  
Amo do sino, que por morto soa,  
O triste dobre na amplidão perdido.

Amo na vida de miséria e lodo,  
Das desventuras o maldito seio,  
Porque minh'alma se manchou de escárnios,  
Porque meu seio se cobriu de gelo.

Amo o furor do vendaval que ruge,  
Das asas negras sacudindo o estrago;  
Amo as metralhas, o bulcão de fumo,  
De corvo as tribos em sangrento lago.

Amo do nauta o doloroso grito  
Em frágil prancha sobre mar de horrores,  
Porque meu seio se tornou de pedra,  
Porque minha'alma descorou de dores.

O céu de anil, a viração fagueira,  
O lago azul que os passarinhos beijam,  
A pobre choça do pastor no vale,  
Chorosas flores que ao sertão vicejam,

A paz, o amor, a quietação e o riso  
A meus olhares não têm mais encanto,  
Porque minh'alma se despiu de crenças,  
E do sarcasmo se embuçou no manto.

— 1861.

### O EXILADO

O exilado está só por toda a parte!

Passei tristonho dos salões no meio,  
Atravessei as turbulentas praças  
Curvado ao peso de uma sina escura;  
As turbas contemplaram-me sorrindo,  
Mas ninguém divisou a dor sem termos  
Que as fibras de meu peito espedaçava.  
O exilado está só por toda a parte!

Quando, à tardinha, dos floridos vales  
Eu via o fumo se elevar tardio  
Por entre o colmo de tranqüilo albergue,  
Murmurava a chorar: — Feliz aquele  
Que à luz amiga do fogão doméstico,  
Rodeado dos seus, à noite, senta-se.  
O exilado está só por toda a parte!

Onde vão estes flocos de neblina  
Que o euro arrasta nas geladas asas?  
Onde vão essas tribos forasteiras  
Que à tempestade se esquivar procuram?

Ah! que me importa?... também eu doidejo,  
E onde irei, Deus o sabe, Deus somente.  
O exilado está só por toda a parte!

Desta campina as árvores são belas,  
São belas estas flores que se vergam  
Das auras estivais ao débil sopro;  
Mas nem a sombra que no chão se alonga,  
Nem o perfume que o ambiente inunda  
São dessa gleba divinal que adoro.  
O exilado está só por toda a parte!

Mole e lascivo no tapiz da selva  
Serpeia o arroio, e o deslizar queixoso  
Peja de amor as solidões dormentes;  
Mas nunca o rosto refletiu-me um dia,  
Nem foi seu burburinho enlanguescido  
Que embalou minha infância a descuidosa.  
O exilado está só por toda a parte!

— Por que chorais? me perguntou o mundo;  
Contai-nos vossa dor, talvez possamos  
Saná-la às gotas de elixir suave;  
Mas, quando eu suspendi a lousa escura  
Que o túmulo cobria-me da vida,  
Riram-se pasmos sem sondar-lhe o fundo.  
O exilado está só por toda a parte!

Vi o ancião da prole rodeado  
Sorrir-se calmo e bendizer a Deus,  
Vi junto à porta da nativa choça  
As crianças beijarem-se abraçadas;  
Mas de filho ou de irmão o santo nome  
Ninguém me deu, e eu fui passando triste.  
O exilado está só por toda a parte!

Quando verei essas montanhas altas  
Que o sol dourava nas manhãs de agosto?  
Quando, junto à lareira, as folhas lívidas  
Deslembrarei de meu sombrio drama?  
Doida esperança! as estações sucedem-se  
E sem um gozo vou descendo à campa.  
O exilado está só por toda a parte!

Brandas aragens, que roçais fagueiras  
Das maravilhas nas cheirosas fronteiras,  
Aves sem pátria, que cortais os ares,  
Irmãos na sorte do infeliz romeiro,  
Ah! levai um suspiro à pátria amada,  
Último alento de cansado peito.

O exilado está só por toda a parte!

Quando nas folhas de lustrosos plátanos  
Novos luares descansarem gratos,  
Já sobre a estrada de meus pés os traços  
O pegureiro não verá, que passa!  
Mísero! ao leito de final descanso  
Ninguém meu sono velará chorando.  
O exilado está só por toda a parte!

#### AURORA

Antes de erguer-se de seu leito de ouro,  
O rei dos astros o Oriente inunda  
De sublime clarão;  
Antes de as asas desprender no espaço,  
A tempestade agita-se e fustiga  
O turbilhão dos euros.

As torrentes de idéias que se cruzam,  
O pensamento eterno que se move  
No levante da vida,  
São auras santas, arrebóis esplêndidos,  
Que precedem à vinda triunfante  
De um sol imorredouro.

O murmurar profundo, enrouquecido,  
Que do seio dos povos se levanta,  
Anuncia a tormenta;  
Essa tormenta salutar e grande  
Que o manto roçará, prehe de fogo,  
Na face das nações.

Preparai-vos, ó turbas! Preparai-vos,  
Rebatei vossos ferros e cadeias,  
Algozes e tiranos!  
A hora se aproxima pouco a pouco,  
E o dedo do Senhor já volve a folha  
Do livro do destino!

Grande há de ser o drama, a ação gigante,  
Majestosa a lição! luzes e trevas  
Lutarão sobre os orbes!  
O abismo soltará seus tredos roncões,  
E o frêmito dos mares agitados  
Se unirá aos das turbas.

Os reis convulsarão nos tronos frágeis,  
Buscando em balde sustentar nas fronteiras  
As úmidas coroas...  
Debalde!... o vendaval na fúria insana

Os levará com elas, envolvidos  
Num turbilhão de pó!

Vis, abatidos, o fidalgo e o rico  
Sairão de seus paços vacilantes  
Nos podres alicerces...  
E errantes sobre a terra irão chorando,  
Mendigar um farrapo ao vagabundo,  
E um pedaço de pão!

Estranho povo surgirá da sombra  
Terrível e feroz cobrindo os campos  
De cruentos horrores!  
O palácio e a prisão irão por terra,  
E um segundo dilúvio, então de sangue,  
O mundo lavarás!

O sábio em seu retiro, estupefato,  
Verá tombar a imagem da ciência,  
Fria estátua de argila,  
E um pálido clarão dirá que é perto  
O astro divinal que às turbas míseras  
Conduz a redenção!

Como aos dias primeiros do universo,  
O globo se erguerá banhado em luzes,  
Reflexos de Deus;  
E a raça humana sob um céu mais puro  
Um hino insigne enviará, prostrada  
Aos pés do Onipotente!

Irmãos todos serão; todos felizes;  
Iguais e belos, sem senhor nem peias,  
Nem tiranos e ferros!  
O amor os unirá num laço estreito,  
E o trânsito da vida uma romagem  
Se tornará celeste!

A hora se aproxima pouco a pouco;  
O dedo do Senhor já volve a folha  
Do livro do destino!...  
Ergue-se a tela do teatro imenso,  
E o mistério infinito se desvenda  
Do drama do Calvário!

#### AS SELVAS

Selvas do Novo Mundo, amplos zimbórios,  
Mares de sombra e ondas de verdura,  
Povo de Atlantes soberano e mudo  
Em cujos mantos o tufão murmura.

Salve! minh'alma vos procura embalde,  
Embalde triste vos estendo os braços...  
Cercam-me o corpo rebatidos muros,  
Prendem-me as plantas enredados laços!...

Pátria da liberdade! antros profundos!  
Vastos palácios! eternals castelos!  
Mandai-me os gênios das sombrias grutas  
De meus grilhões espedaçar os elos!...

Ah! que eu não possa me esquivar dos homens,  
Matar a febre que meu ser consome,  
E entre alegrias me arrojar cantando  
Nas secas folhas do sertão sem nome!

Ah! que eu não possa desprender aos ermos  
O fogo ardente que meu crânio encerra,  
Gastar os dias entre o espaço e Deus  
Nas matas virgens da colúmbia terra!

Eu não detesto nem maldigo a vida,  
Nem do despeito me remorde a chaga,  
Mas ah! sou pobre, pequenino e débil  
E sobre a estrada o viajor me esmaga!

Que faço triste no rumor das praças?  
Que busco pasmo nos salões dourados?  
Verme do lodo me desprezam todos,  
O pobre e os grandes de esplendor cercados!

Fere-me os olhos o clarão do mundo,  
Rasgam-me o seio prematuras dores,  
E à mágoa insana que me enluta as noites,  
Declino à campa na estação das flores.

E há tanto encanto nas florestas virgens,  
Tanta beleza do sertão na sombra,  
Tanta harmonia no correr do rio,  
Tanta delícia na campestre alfombra...

Que inda pudera reviver de novo,  
E entre venturas flutuar minh'alma,  
Fanada planta que mendiga apenas  
A noite, o orvalho, a viração e a calma!

#### À LUCÍLIA

Se eu pudesse ao luar, Lucília bela,  
Queimar-te a fronte de insensatos beijos,  
Dobrar-te ao colo, minha flor singela,  
Ao fogo insano de eternals desejos;



Ai! se eu pudesse de minh'alma aos elos  
Prender tu'alma enfebrecida e cálida,  
Erguer na vida os festivais castelos  
Que tantas noites planejaste, pálida;

Ai! se eu pudesse nos teus olhos turvos  
Beber a vida da volúpia ao véu,  
Bem como os juncos sobre as ondas curvos  
A chuva bebem que derrama o céu,

Talvez que as mágoas que meu peito ralam  
Em cinzas frias se perdessem logo,  
Como as violas que ao verão trescalam  
Somem-se aos raios de celeste fogo!

Oh! vem Lucília! é tão formosa a aurora  
Quando uma fada lhe batiza o alvor,  
E a madressilva, que ao frescor vapora  
Os ares peja de lascivo amor...

Sou moço ainda; de meu seio aos ermos  
Posso-te louco arrebatado comigo...  
De um mundo novo na solidão sem termos  
Deitar-te à sombra de amoroso abrigo!

Tenho um dilúvio de ilusões na frente,  
Um mundo inteiro de esperanças n'alma,  
Ergue-te acima de azulado monte,  
Terás dos gênios do infinito a palma!...

#### CHILDE-HAROLD

(Sobre uma página de Byron)

Não te rias assim, oh! não te rias,  
Basta de sonhos, de ilusões fatais!  
Minh'alma é nua, e do porvir às luzes  
Meus roxos lábios sorrirão jamais!

Que pesar me consome? ah! não procures  
Erguer a lousa de um pesar profundo,  
Nem apalpares a matéria lívida,  
E a lama impura que pernoita ao fundo!

Não são as flores da ambição pisadas,  
Não é a estrela de um porvir perdida...  
Que esta cabeça coroou de sombras  
E a tumba inclina ao despontar da vida!

É este enojo perenal, contínuo,  
Que em toda a parte me acompanha os passos,

E ao dia incende-me as artérias quentes,  
Me aperta à noite nos mirrados braços!

São estas larvas de martírio e dores  
Sócias constantes do judeu maldito!  
Em cuja testa, dos tufões crestada,  
Labéu de fogo cintilava escrito!

Quem de si mesmo desterrar-se pode?  
Quem pode a idéia aniquilar que o mata?  
Quem pode altivo esmigalhar o espelho  
Que a torva imagem de Satã retrata?

Quantos encontram inefáveis gozos  
Nesses prazeres, para mim tormentos!  
Quantos nos mares onde a morte enxergo  
Abrem as velas do baixel aos ventos!

O meu destino é vaguear e sempre!  
Sempre fugindo funeral lembrança...  
Férreo estilete que me rasga os músculos,  
Voz dos abismos que me brada: — Avança!

Que pesar me consome? ai! não mais tentes,  
Espera a lousa de um pesar profundo,  
Somente a morte encontrarás nas bordas,  
E o inferno inteiro a praguejar no fundo!

### O SABIÁ

(Cançoneta)

Oh! meu sabiá formoso,  
Sonoroso,  
Já desponta a madrugada,  
Desabrocha a linda rosa  
Donairoso,  
Sobre a campina orvalhada.

Manso o regato murmura  
Na verdura  
Descrevendo giros mil,  
Some-se a estrela brilhante,  
Vacilante,  
No horizonte cor de anil.

Ergue-te, oh! meu passarinho,  
De teu ninho,  
Vem gozar da madrugada...  
Modula teu terno canto,  
Doce encanto  
De minh'alma amargurada.

Vem junto à minha janela,  
Sobre a bela  
Verdejante laranjeira,  
Beber o eflúvio das flores,  
Teus amores,  
Nas asas de aura fagueira.

Desprende a voz adorada,  
Namorada,  
Poeta da solidão,  
Ah! vem lançar com encanto  
Mais um canto,  
No livro da criação!

Oh! meu sabiá formoso,  
Sonoroso,  
Já desponta a madrugada...  
Deixa teu ninho altaneiro,  
Vem ligeiro  
Saudar a luz da alvorada.

#### ESTÂNCIAS

Quando à tardinha rumorejam brisas  
Roubando o aroma das agrestes flores,  
E doce e grave, nas viçosas matas,  
Mais triste canto o sabiá desata,  
Eu lembro-me de ti!

\* \* \*

Eu lembro-me de ti, por que tu'alma  
É o sol de minh'alma e de meu gênio;  
E neste exílio que infernal me cerca,  
Mísera planta, desfaleço e morro  
Ao frio toque de hibernal geada!

\* \* \*

Quando das franjas do Ocidente róseo  
Um raio ainda me clareia o cárcere,  
E um tom suave de tristeza e luzes  
Mistura o dia à palidez da noite,  
Eu lembro-me de ti!

\* \* \*

Eu lembro-me de ti, porque teu seio  
Guarda um tesouro de piedade santa,  
E nesse instante que o pesar duplica  
Faltam-me as vozes de teus lábios meigos

E o doce orvalho de amorosos olhos!

\* \* \*

Quando nas bordas de meu leito escuro  
Fatais espectros de pavor se cruzam,  
E exausto, e lívido, eu procuro embalde  
O grato sono que meus olhos deixa,  
Eu lembro-me de ti!

\* \* \*

Eu lembro-me de ti, porque saudosa  
Sonho-te a imagem soluçando ao longe,  
E a fronte curva, e umedecidas pálpebras,  
Meu nome dizes ao tufão que passa,  
À brisa doída que te morde as tranças!

\* \* \*

Quando meu corpo se debate em febre,  
E a lava ardente nas artérias corre...  
Quando cruenta, de funéreos risos,  
Pressinto a morte levantar-se perto,  
Eu lembro-me de ti!

\* \* \*

Eu lembro-me de ti que és minha vida,  
Último alívio neste mundo insano,  
Anjo da guarda que à minh'alma aflita  
Pudera as trevas espancar com as asas,  
Lavar-lhe as manchas num Jordão de lágrimas!

\* \* \*

Ai! tudo os homens entre nós quebraram:  
A paz, o riso, as esperanças áureas;  
Mas de teu peito me arrancar não podem,  
Nem a minh'alma desprender da tua!...  
Eu lembro-me de ti!...

#### O MAR

Sacode as vagas de teu dorso imenso,  
Oh! profundo oceano! Ergue-as altivas  
Com seus frígios barretes! Em vão tentam  
Lutar contigo temerárias frotas,  
Traçar-te raias a vaidade humana!  
Tu és eterno e vasto como o espaço,  
Livre como a vontade onipotente.

Régio manto do globo! povo infindo  
De soberbos Titãs! gênio da força,  
Salve três vezes!... Das espáduas amplas  
Derribas todo o jugo que te oprime,  
Tragas gigantes de carvalho e cedro,  
E a frente erguendo majestosa e bela  
Diademas de pérolas atiras  
Às estrelas do céu, e ao mundo cospes  
A férvida saliva em desafio!

Quantos impérios celebrados, fortes  
Não floresceram de teu trono às bases  
Sublime potestade! e onde estão eles?  
O que é feito de Roma, Assíria e Grécia,  
Cartago, a valorosa? As vagas tuas  
Lambiam-lhes os muros, quer nos tempos  
De paz e de bonança, quer na quadra  
Em que chuvas de setas se cruzavam  
À face torva das hostis falanges!  
Tudo esb'roou-se, se desfez em cinzas,  
Sumiu-se como os traços que o romeiro  
Deixa de Núbia na revolta areia!  
Só tu, oh! mar, sem termos, imutável  
Como o quadrante lúgubre do tempo,  
Ruges, palpitas sem grilhões nem peias!

Nunca na face desse azul sombrio,  
Onde tranqüilas, ao chorar das brisas,  
Poesias do céu, flores do éter,  
As estrelas se miram namoradas...  
Nunca o fogo e a lava, a guerra e a morte,  
A armada dos tiranos há deixado  
Um vestígio sequer de seus destroços!  
Tal como à tarde do primeiro dia  
Que ao orbe clareou, hoje te ostentas  
Na tua majestade horrenda e bela!  
Espelho glorioso onde entre fogos  
Se mostra onipotente, nas tormentas  
A face do Senhor! Monstro sublime  
Cujas garras de ferro o globo abraçam...  
Até que um dia, quem o sabe? exausto  
Lance o último alento! ah! no teu seio  
Talvez tremendo espírito se agite,  
Misto sombrio de paixões sem freios,  
Cuja expressão vislumbra-te no rosto,  
Ora hediondo de compressos músculos,  
Ora suave como o louro infante  
Sobre o seio materno, ora cruento  
Gotejando suor, espuma e raiva!

Níobe eterna! de teu ventre túmido  
Os monstros dos abismos rebentaram,  
Em cujo dorso de argentadas conchas  
Os raios das estrelas resvalavam:  
De teu lodo fecundo, inextinguível,  
Brotaram continentes cujas grimpas  
Iam bater na abóbada cerúlea;  
Teus paços de coral e de esmeraldas  
Encerravam princesas vaporosas,  
Louras ondinas, encantados gênios,  
Soberbas divindades! Entretanto  
Viste tudo cair! riscada a Atlântida  
Da face do universo, os brônzeos deuses  
Desterrados pra sempre, e só restou-te  
Uma voz gemedora que chorava:  
— Já não vive o Deus Pã! oh! Pã é morto!

Oceano sem fundo! vagas túmidas  
Abismo de mistério, ah! desde a infância  
Preso na teia da atração divina  
Eu vos busquei sedento! sobre as praias,  
Curvas como os alfanjes dos eunucos,  
Eu me perdia nos dourados dias  
Da santa primavera, ouvindo os brados  
Dos marinhos corcéis, molhando as plantas  
Na gaze salitrosa que envolvia  
A areia cintilante! após mais tarde  
Sentava-me no cimo dos rochedos,  
Suspirando de amor aos verdes olhos,  
Aos moles braços que do salso leite  
Erguiam-se tão meigos e adorados!...

Amo-te ainda, oh! mar! amo-te muito,  
Mas não tranqüilo umedecendo a proa  
Da gôndola lasciva, nem chorando  
às carícias da lua! Amo-te horrível,  
Arrogante e soberbo, repelindo  
Os furacões que roçam-te nas crinas,  
Quebrando a asa de fogo que das nuvens  
Procura te domar, batendo a terra  
Com teus flancos robustos, levantando  
Triunfante e feroz no tredo espaço  
A cabeça estrelada de ardências!

Amo-te assim, oh! mar, porque minh'alma  
Vê-te imenso e potente, desdenhoso  
Rindo às quimeras da cobiça humana!  
Amo-te assim! ditoso no teu seio  
Zombo do mundo que meu ser esmaga,  
Sou livre como as vagas que me cercam

E só a tempestade e a Deus respeito.  
Salve, oceano onipotente e eterno!  
Santo espelho de Deus, três vezes salve!

## DE NOTURNAS

### NÉVOAS

Nas horas tardias que a noite desmaia,  
Que rolam na praia mil vagas azuis,  
E a lua cercada de pálida chama  
Nos mares derrama seu pranto de luz.

Eu vi entre os flocos de névoas imensas,  
Que em grutas extensas se elevam no ar,  
Um corpo de fada, serena dormindo,  
Tranqüila sorrindo num brando sonhar.

Na forma de neve, puríssima e nua,  
Um raio da lua de manso batia,  
E assim reclinada no túrbido leito  
Seu pálido peito de amores tremia.

Oh! filha das névoas! das veigas viçosas,  
Das verdes, cheirosas roseiras do céu,  
Acaso rolaste tão bela dormindo,  
E dormes, sorrindo, das nuvens no véu?

O orvalho das noites congela-te a fronte,  
As orlas do monte se escondem nas brumas,  
E queda repousas num mar de neblina,  
Qual pérola fina no leito de espumas!  
Nas nuas espáduas, dos astros dormentes,  
Tão frio não sentes o pranto filtrar?  
E as asas de prata do gênio das noites  
Em túbios açoites a trança agitar?

Ai! vem, que nas nuvens te mata o desejo  
De um férvido beijo gozares em vão!...  
Os astros sem alma se cansam de olhar-te,  
Não podem amar-te, nem dizem paixão!

E as auras passavam, e as névoas tremiam,  
E os gênios corriam no espaço a cantar,  
Mas ela dormia tão pura e divina  
Qual pálida ondina nas águas do mar!

Imagem formosa das nuvens da Ilíria,  
Brilhante Valquíria das brumas do norte,  
Não ouves ao menos do bardo os clamores,  
Envolta em vapores mais fria que a morte!

Oh! vem! vem, minh'alma! teu rosto gelado,  
Teu seio molhado de orvalho brilhante,  
Eu quero aquecê-los ao peito incendiado,  
Contar-te ao ouvido paixão delirante!...

Assim eu clamava tristonho e pendido,  
Ouvindo o gemido da onda na praia,  
Na hora em que fogem as névoas sombrias,  
Nas horas tardias que a noite desmaia.

E as brisas da aurora ligeiras corriam,  
No leito batiam da fada divina...  
Sumiram-se as brumas do vento à bafagem  
E a pálida imagem desfez-se em neblina!

Santos — 1861.

#### VIDA DE FLOR

Por que vergas-me a fronte sobre a terra?  
Diz a flor da colina ao manso vento,  
Se apenas às manhãs o doce orvalho  
Hei gozado um momento?

Tímida ainda, nas folhagens verdes  
Abro a corola à quietação das noites,  
Ergo-me bela, me rebaixas triste  
Com teus feros açoites!

Oh! deixa-me crescer, lançar perfumes,  
Vicejar das estrelas à magia,  
Que minha vida pálida se encerra  
No espaço de um só dia!

Mas o vento agitava sem piedade  
A fronte virgem da cheirosa flor,  
Que pouco a pouco se tingia, triste,  
De mórbido palor.

Não vês, oh brisa? lacerada, murcha,  
Tão cedo ainda vou pendendo ao chão,  
E em breve tempo esfolharei já morta  
Sem chegar ao verão?

Tem piedade de mim! deixa-me ao menos  
Desfrutar um momento de prazer,  
Pois que é meu fado despontar na aurora  
E ao crepúsculo morrer!...

Brutal amante não lhe ouviu as queixas,  
Nem às suas dores atenção prestou,



E a flor mimosa, retraindo as pétalas,  
Na tige se inclinou.  
Surgiu na aurora, não chegou à tarde,  
Teve um momento de existência só!  
A noite veio, procurou por ela,  
Mas a encontrou no pó.

Ouviste, oh virgem, a legenda triste  
Da flor do outeiro e seu funesto fim?  
Irmã das flores à mulher, às vezes  
Também sucede assim.

S. Paulo — 1861.

O FORAGIDO  
(Canção)

Minha casa é deserta; na frente  
Brotam plantas bravias do chão,  
Nas paredes limosas o cardo  
Ergue a frente silente ao tufão.

Minha casa é deserta. O que é feito  
Desses templos benditos doutrora,  
Quando em torno cresciam roseiras,  
Onde as auras brincavam na aurora?

Hoje a tribo das aves errantes  
Dos telhados se acampa no vão,  
A lagarta percorre as muralhas,  
Canta o grilo pousado ao fogão.

Das janelas no canto, as aranhas  
Leves tremem nos fios dourados,  
As avencas pululam viçosas  
Na umidade dos muros gretados.

Tudo é tredo, meu Deus! o que é feito  
Dessas eras de paz que lá vão,  
Quando junto do fogo eu ouvia  
As legendas sem fim do serão?

No curral esbanjado, entre espinhos,  
Já não bala ansioso o cordeiro,  
Nem desperta-se ao toque do sino,  
Nem ao canto do galo ao poleiro.

Junto à cruz que se eleva na estrada  
Seco e triste se embala o chorão,  
Não há mais o esfumar das acácias,  
Nem do crente a sentida oração.

Não há mais uma voz nestes ermos,  
Um gorjeio das aves no vale;  
Só a fúria do vento retroa  
Alta noite agitando o ervaçal.

Ruge, oh! vento gelado do norte,  
Torce as plantas que brotam do chão,  
Nunca mais eu terei as venturas  
Desses tempos de paz que lá vão!

Nunca mais desses dias passados  
Uma luz surgirá dentre as brumas!  
As montanhas se embuçam nas trevas,  
As torrentes se vendam de espumas!

Corre, pois, vendaval das tormentas,  
Hoje é tua esta morna solidão!  
Nada tenho, que um céu lutulento  
E uma cama de espinhos no chão!

Ruge, voa, que importa! sacode  
Em lufadas as crinas da serra;  
Alma nua de crença e esperanças,  
Nada tenho a perder sobre a terra!

Vem, meu pobre e fiel companheiro,  
Vamos, vamos depressa, meu cão,  
Quero ao longo perder-me das selvas  
Onde passa rugindo o tufão!

Cantareira — 1861.

#### A MULHER (A C...)

A mulher sem amor é como o inverno,  
Como a luz das antélias no deserto,  
Como espinheiro de isoladas fragas,  
Como das ondas o caminho incerto.

A mulher sem amor é mancenilha  
Das ermas plagas sobre o chão crescida,  
Basta-lhe à sombra repousar um' hora  
Que seu veneno nos corrompe a vida.

De eivado seio no profundo abismo  
Paixões repousam num sudário eterno...  
Não há canto nem flor, não há perfumes,  
A mulher sem amor é como o inverno.  
Su'alma é um alaúde desmontado

Onde embalde o cantor procura um hino;  
Flor sem aromas, sensitiva morta,  
Batel nas ondas a vagar sem tino.

Mas, se um raio do sol tremendo deixa  
Do céu nublado a condensada treva,  
A mulher amorosa é mais que um anjo,  
É um sopro de Deus que tudo eleva!

Como o árabe ardente e sequioso  
Que a tenda deixa pela noite escura  
E vai no seio de orvalhado lírio  
Lamber a medo a divinal frescura,

O poeta a venera no silêncio,  
Bebe o pranto celeste que ela chora,  
Ouve-lhe os cantos, lhe perfuma a vida...  
— A mulher amorosa é como a aurora.

S. Paulo — 1861.

#### TRISTEZA

Minh'alma é como o deserto  
De dúbia areia coberto,  
Batido pelo tufão;  
É como a rocha isolada,  
Pelas espumas banhada,  
Dos mares na solidão.

Nem uma luz de esperança,  
Nem um sopro de bonança  
Na frente sinto passar!  
Os invernos me despiram  
E as ilusões que fugiram  
Nunca mais hão de voltar!

Roem-me atrozes idéias,  
A febre me queima as veias;  
A vertigem me tortura!...  
Oh! por Deus! quero dormir,  
Deixem-me os braços abrir  
Ao sono da sepultura!

Despem-se as matas frondosas,  
Caem as flores mimosas  
Da morte na palidez,  
Tudo, tudo vai passando...  
Mas eu pergunto chorando:  
Quando virá minha vez?

Vem, oh virgem descorada,  
Com a fronte pálida ornada  
De cipreste funerário,  
Vem! oh! quero nos meus braços  
Cerrar-te em meigos abraços  
Sobre o leito mortuário!

Vem, oh morte! a turba imunda  
Em sua miséria profunda  
Te odeia, te calunia...  
— Pobre noiva tão formosa  
Que nos espera amorosa  
No termo da romaria.

Quero morrer, que este mundo  
Com seu sarcasmo profundo  
Manchou-me de lodo e fel,  
Porque meu seio gastou-se,  
Meu talento evaporou-se  
Dos martírios ao tropel!

Quero morrer: não é crime  
O fardo que me comprime  
Dos ombros lançar ao chão,  
Do pó desprender-me rindo  
E as asas brancas abrindo  
Lançar-me pela amplidão!

Oh! quantas louras crianças  
Coroadas de esperanças  
Descem da campa à friez!...  
Os vivos vão repousando;  
Mas eu pergunto chorando:  
— Quando virá minha vez?

Minh'alma é triste, pendida,  
Como a palmeira batida  
Pela fúria do tufão.  
É como a praia que alveja,  
Como a planta que viceja  
Nos muros de uma prisão!

S. Paulo — 1861.

O ESTANDARTE AURIVERDE  
(Cantos sobre a questão anglo-brasileira)

AO BRASIL  
Bela estrela de luz, diamante fúlgido  
Da coroa de Deus, pérola fina

Dos mares do ocidente,  
Oh! como altiva sobre nuvens de ouro  
A fronte elevas afogando em chamas  
O velho continente!

A Itália meiga que ressona lânguida  
Nos coxins de veludo adormecida  
Como a escrava indolente;  
A França altiva que sacode as vestes  
Entre o brilho das armas e as lendas  
De um passado fulgente.

A Rússia fria — Mastodonte eterno!  
Cuja cabeça sobre os gelos dorme,  
E os pés ardem nas fráguas;  
A Bretanha insolente que expelida  
De seus planos estéreis se arremessa  
Mordendo-se nas águas;

A Espanha túrbida; a Germânia em brumas;  
A Grécia desolada; a Holanda exposta  
Das ondas ao furor...  
Uma inveja teu céu, outra teu gênio,  
Esta a riqueza, a robustez aquela,  
E todas o valor!

Oh! terra de meu berço, oh pátria amada,  
Ergue a fronte gentil unguida em glórias  
De uma grande nação!  
Quando sofre o Brasil, os brasileiros  
Lavam as manchas, ou debaixo morrem  
Do santo pavilhão!...

#### AO POVO

Não ouvis?... Além dos mares  
Braveja ousado Bretão!  
Vingai a pátria, ou valentes  
Da pátria tombai no chão!

Erguei-vos, povo de bravos,  
Erguei-vos, brasíleu povo,  
Não consintais que piratas  
Na face cusпам de novo!

O que vos falta? Guerreiros?  
Oh! que eles não faltam não,  
Aos prantos de nossa terra  
Guerreiros brotam do chão!

Mostrai que as fronteas sublimes

Os anjos cercam de luz,  
E não há povo que vença  
O povo de Santa Cruz!

Sofrestes ontem, criança  
Contra a força o que fazer?...  
Se nada podeis, agora  
Podeis ao menos morrer!...  
Oh! morrei! a morte é bela  
Quando junto ao pavilhão  
Se morre pisando escravos  
Que insultam brava nação!

Quando nos templos da fama  
Nas áureas folhas da história  
Gravado revive o nome  
Por entre os hinos da glória!

Quando a turba que se agita  
Saúda a campa adorada:  
— Foi um herói que esvaiu-se  
Nos braços da pátria amada!

#### A D. PEDRO II

Tu és a estrela mais fulgente e bela  
Que o solo aclara da Colúmbia terra,  
A urna santa que de um povo inteiro  
Arcanos fundos no sacrário encerra!

Tu és nos ermos a coluna ardente  
Que os passos guia de uma tribo errante,  
E ao longe mostras através das névoas  
A plaga santa que sorriu distante!...

Tu és o gênio benfazejo e grato  
Poupando as vidas no calor das fráguas,  
E, à voz das turbas, do rochedo em chamas  
Desprende um jorro de benditas águas!

Tu és o nauta que através dos mares  
O lenho imenso do porvir conduz,  
E ao porto chega sossegado e calmo  
De um astro santo acompanhando a luz!  
Oh! não consintas que teu povo siga  
Louco, sem rumo, desonroso trilho!  
Se és grande, ingente, se dominas tudo,  
Também das terras do Brasil és filho!

Abre-lhe os olhos, o caminho ensina  
Aonde a glória em seu altar sorri

Dize que vive, e viverá tranqüilo,  
Dize que morra, morrerá por ti!

### A SÃO PAULO

Terra da liberdade!

Pátria de heróis e berço de guerreiros,  
Tu és o louro mais brilhante e puro,  
O mais belo florão dos brasileiros!

Foi no teu solo, em borbotões de sangue  
Que a fronte ergueram destemidos bravos,  
Gritando altivos ao quebrar dos ferros:  
— Antes a morte que um viver de escravos!

Foi nos teus campos de mimosas flores,  
À voz das aves, ao soprar do norte,  
Que um rei potente às multidões curvada  
Bradou soberbo: — Independência ou morte!

Foi no teu seio que surgiu, sublime,  
Trindade eterna de heroísmo e glória,  
Cujas estátuas cada vez mais belas,  
Dormem nos templos da Brasília histórica!

Eu te saúdo, oh! majestosa plaga,  
Filha diletta, e estrela da nação,  
Que em brios santos carregaste os cílios  
À voz cruenta de feroz Bretão!

Pejaste os ares de sagrados cantos,  
Ergueste os braços e sorriste à guerra,  
Mostrando ousada ao murmurar das turbas,  
Bandeira imensa da cabralia terra!

Eia! caminha, o Partenon da glória  
Te guarda o louro que premia os bravos!  
Voa ao combate repetindo a lenda:  
— Morrer mil vezes que viver escravos!

### CANTO DO SERTANEJO

Salve, oh! florestas sombrias,  
Salve, oh! broncas penedias,  
Onde as rijas ventanias  
Murmuram fera canção,  
Nas sombras deste deserto  
Do norte ao rude concerto,  
Sentado de Deus tão perto  
Quem é que teme o Bretão?

Cobre-se a selva de flores,

Brincam voláteis cantores  
Bebendo os langues odores  
Que passam na viração,  
Rugem cavernas frementes,  
Silvam medonhas serpentes,  
Bradam raivosas torrentes,  
Quem é que teme o Bretão?

Ah! correi filhos das matas,  
Através das cataratas,  
Entre suaves cantatas  
Ao gênio da solidão,  
Cuspi nos dias escassos,  
Rompei os inimigos laços...  
Não tendes dois fortes braços?  
Quem é que teme o Bretão?

Loucos! nas fundas clareiras,  
Aos urros das cachoeiras  
Nas brenhas das cordilheiras,  
Feia morte encontrarão!  
Quem tem do ermo as grandezas,  
As serras por fortalezas  
Não teme as loucas bravezas  
Do temerário Bretão!

Daqui decide-se a sorte,  
Daqui troveja-se a morte,  
Daqui se extingue a coorte  
Que insulta a brava nação!...  
Gritos das selvas, dos montes,  
Dos matagais e das fontes  
Retumbam nos horizontes...  
Quem é que teme o Bretão?

Salve, oh! florestas sombrias,  
Salve, oh! broncas penedias,  
Onde as rijas ventanias  
Perpassam varrendo o chão,  
Neste profundo deserto  
De negros antros coberto  
Sentado de Deus tão perto  
Quem é que teme o Bretão?

#### DE CANTOS RELIGIOSOS

##### AVE! MARIA!

A noite desce — lentas e tristes  
Cobrem as sombras a serrania,  
Calam-se as aves, choram os ventos,



Dizem os gênios: — Ave! Maria!

Na torre estreita de pobre templo  
Ressoa o sino da freguesia,  
Abrem-se as flores, Vesper desponta,  
Cantam os anjos: — Ave! Maria!

No tosco alvergue de seus maiores,  
Onde só reinam paz e alegria,  
Entre os filhinhos o bom colono  
Repete as vozes: — Ave! Maria!

E, longe, longe, na velha estrada,  
Pára e saudades à pátria envia  
Romeiro exausto que o céu contempla,  
E fala aos ermos: — Ave! Maria!

Incerto nauta por feios mares,  
Onde se estende névoa sombria,  
Se encosta ao mastro, descobre a fronte,  
Reza baixinho: — Ave! Maria!  
Nas soledades, sem pão nem água,  
Sem pouso e tenda, sem luz nem guia,  
Triste mendigo, que as praças busca,  
Curva-se e clama: — Ave! Maria!

Só nas alcovas, nas salas dúbias,  
Nas longas mesas de longa orgia  
Não diz o ímpio, não diz o avaro,  
Não diz o ingrato: — Ave! Maria!

Ave! Maria! — No céu, na terra!  
Luz da aliança! Doce harmonia!  
Hora divina! Sublime estância!  
Bendita sejas! — Ave! Maria!

#### VOZ DO POETA

Perdão, Senhor meu Deus! Busco-te embalde  
Na natureza inteira! O dia, a noite,  
O tempo, as estações mudos sucedem-se,  
Mas eu sinto-te o sopro dentro d'alma!  
Da consciência ao fundo te contemplo!  
E movo-me por ti, por ti respiro,  
Ouço-te a voz que o cérebro me anima,  
E em ti me alegro, e canto, e penso!

Da natureza inteira que aviventas  
Todos os elos a teu ser se prendem,  
Tudo parte de ti e a ti se volta;  
Presente em toda a parte, e em parte alguma,

Íntima fibra, espírito infinito,  
Moves potente a criação inteira!  
Dás a vida e a morte, o olvido e a glória!  
Se não posso adorar-te face a face,  
Oh! basta-me sentir-te sempre, e sempre!

Eu creio em ti! eu sofro, e o sofrimento  
Como ligeira nuvem se esvaece  
Quando murmuro teu sagrado nome!  
Eu creio em ti! e vejo além dos mundos,  
Minha essência imortal brilhante e livre,  
Longe dos erros, perto da verdade,  
Branca dessa brancura imaculada  
Que os gênios inspirados nesta vida  
Em vão tentaram descobrir no mármore!

#### SALMO I

Ditoso o justo que afastado vive  
Do concílio dos maus e do caminho  
Trilhado por perversos pecadores!  
E que nunca ensinou, bem como o ímpio,  
Do negro vício as máximas corruptas!

Ditoso o homem que fiel concentra  
De seu Deus criador na lei divina  
Todo o seu pensamento e seu afeto,  
E nela só medita noite e dia!

Ele será qual árvore frondosa,  
Banhada por arroyos cristalinos,  
Que bons frutos produz na quadra própria,  
E nunca perde o viço e a louçania.

Quanto a sorte do ímpio é diferente!  
Brinco do acaso, das paixões joguete,  
Assemelha-se ao pó que o vento agita  
E sobre a terra desdenhoso espalha.

No dia, pois, do santo julgamento  
Perante o Deus severo, confundido,  
Fulminado será, deixando ao justo,  
O prêmio prometido: a glória eterna!

#### DE AVULSAS

#### INVOCAÇÃO

Eu te vejo sentada entre os palmares  
Robusta e bela, pensativa e airosa,  
Cheias de sangue as fortes jugulares,  
Beijando a naiadéia e não a rosa.

América gentil! Filha dos mares!  
Tu, que a manhã bafeja carinhosa,  
Dá gênio a teu cantor, lhe estende a mão,  
Infunde-lhe na frente a inspiração!

Pura em tua nudez, sempre singela,  
Da Gália mentirosa o luxo deixas,  
És da Escritura a tímida gazela!  
Teus vestuários são tuas madeixas!  
Do mundo conhecido és a donzela!  
Sempre perdoas e jamais te queixas!  
Dá gênio a teu cantor, lhe estende a mão,  
Infunde-lhe na frente a inspiração!

Hei de em minhas canções sempre invocar-te,  
Pois creio que me atendes, que tens almas!  
De teu cocar farei um estandarte  
A cuja sombra tenha asilo e calma!  
“Se a tanto me ajudar engenho e arte”  
Nada na terra meu talento espalma!...  
Dá gênio a teu cantor, lhe estende a mão,  
Infunde-lhe na frente a inspiração!

Simbolizas os filhos do futuro,  
Os homens da esperança e da verdade,  
Não tens de antigos o pensar escuro,  
És só luz, pensamento e liberdade!  
Não te manchou o rosto o bafo impuro  
Das seitas infernais da média-idade!  
Dá gênio a teu cantor, lhe estende a mão,  
Infunde-lhe na frente a inspiração!

Quero-te sempre assim entre os palmares  
Robusta e bela, pensativa e airosa,  
Cheias de sangue as fortes jugulares,  
Beijando a naiadéia e não a rosa.

América gentil! Filha dos mares!  
Tu, que a manhã bafeja carinhosa,  
Dá gênio a teu cantor, lhe estende a mão,  
Infunde-lhe na frente a inspiração!

## CANTO

### I

Jesus! Filho de Deus! Quero adorar-te  
No céu, na terra, no universo inteiro!  
Vejo teu nome escrito em toda a parte  
Onde vai meu olhar de forasteiro!  
Milagres de saber, prodígios de arte,

Senhor e servo, artista e pegureiro,  
Todos repetem neste mundo vário,  
O poema sublime do Calvário!

II

Os astros de mais luz, orbes imensos,  
Hipérboles lançadas sobre os ares,  
Brilhantes a rolar em mares densos,  
Escarpados de angélicos colares;  
Gênios supernos, querubins infensos,  
Tudo, tudo, Senhor, em teus altares  
São míseras ofertas que a desgraça  
Logo transforma em pó, cinza e fumaça!

III

A faixa branco-azul dos hemisférios,  
Onde palpitam borboletas de ouro,  
Estrada excelsa dos salões sidéreos,  
Mostra a meus olhos imortal tesouro!  
Ali vagueiam meus irmãos etéreos!  
Ali repousa meu sonhar vindouro!  
Ali da glória resplandece a origem!  
Ali domina a sempiterna Virgem!

IV

O' Cristo! Se de um sangue sacrossanto  
Banhaste a gleba vil onde pisaste,  
Se jogaram soldados em teu manto  
Quando da cruz as dores suportaste,  
Tudo mudou-se! Do divino pranto  
Constelações sem número formaste!  
Da túnica manchada por imundos  
Fizeste o pavilhão que abriga os mundos.

V

Nos belos tempos da saudosa infância  
Quadra de louros sonhos, de esperanças  
Ouvia-te das balsas na fragrância:  
— “Vinde, vinde até mim, pobres crianças!”  
Tu me deste a miséria e a abundância,  
Quando chorei, me consolaste, ó Deus!  
Ao clarão imortal dos olhos teus!

VI

Rujam embora as vagas do oceano

Mandando aos alcantis navio incerto,  
Corra o gládio de bárbaro tirano  
Transformando as cidades num deserto!  
Passe da peste e morte o sopro insano,  
Medonho, horrendo em boqueirão aberto!  
Flagele a humanidade a sede, a fome...  
O' Cristo! Creio em ti, creio em teu nome!

## VII

Jesus! Hoje porém se os livros abro  
E o fruto colho da fatal ciência,  
Tudo vejo em terrível descalabro!  
Nem crenças, nem razão, nem consciência  
De velha planta tronco feio e glabro  
Volve este pobre mundo em decadência!  
Só tu podes verter aos homens luz,  
Árvore santa onde sofreu Jesus!

## ARMAS

— Qual a mais forte das armas,  
A mais firme, a mais certa?  
A lança, a espada, a clavina,  
Ou a funda aventureira?  
A pistola? O bacamarte?  
A espingarda, ou a flecha?  
O canhão que em praça forte

Faz em dez minutos brecha?  
— Qual a mais firme das armas?  
O terçado, a fisga, o chuço,  
O dardo, a maça, o virote?  
A faca, o florete, o laço,  
O punhal, ou o chifarote?...  
A mais tremenda das armas,  
Pior que a durindana,  
Atendei, meus bons amigos:  
Se apelida: — A língua humana!

## DE CANTOS E FANTASIAS

### JUVENÍLIA

#### I

Lembras-te, Iná, dessas noites  
Cheias de doce harmonia,  
Quando a floresta gemia  
Do vento aos brandos açoites?

Quando as estrelas sorriam,

Quando as campinas tremiam  
Nas dobras de úmido véu?  
E nossas almas unidas  
Estreitavam-se, sentidas  
Ao langor daquele céu?

Lembras-te, Iná? Belo e mago,  
Da névoa por entre o manto,  
Erguia-se ao longe o canto  
Dos pescadores do lago.

Os regatos soluçavam,  
Os pinheiros murmuravam  
No viso das cordilheiras,  
E a brisa lenta e tardia  
O chão revolto cobria  
De flores das trepadeiras.

Lembras-te, Iná? Eras bela,  
Ainda no albor da vida,  
Tinhas a fronte cingida  
De uma inocente capela.

Teu seio era como a lira  
Que chora, canta e suspira  
Ao roçar de leve aragem;  
Teus sonhos eram suaves,  
Como o gorjeio das aves  
Por entre a escura folhagem.

Do mundo os negros horrores  
Nem pressentias sequer;  
Teus almos dias, mulher,  
Passavam num chão de flores.

Oh! primavera sem termos!  
Branco luas dos ermos!  
Auroras de amor sem fim!  
Fugistes, deixando apenas  
Por terra esparsas as penas  
Das asas de um serafim!

Ah! Iná! Quanta esperança  
Eu não vi brilhar nos céus  
Ao luzir dos olhos teus,  
A teu sorrir de criança!

Quanto te amei! Que futuros!  
Que sonhos gratos e puros!  
Que crenças na eternidade!

Quando a furto me falavas,  
E meu ser embriagavas  
Na febre da mocidade!

Como nas noites de estio,  
Ao sopro do vento brando,  
Rola o selvagem cantando  
Na correnteza do rio;

Assim passava eu no mundo,  
Nesse descuido profundo  
Que etérea dita produz!  
Tu eras, Iná, minh'alma,  
De meu estro a glória e a palma,  
De meus caminhos a luz!

Que é feito agora de tudo?  
De tanta ilusão querida?  
A selva não tem mais vida,  
O lar é deserto e mudo!

Onde foste, oh! pomba errante?  
Bela estrela cintilante  
Que apontavas o porvir?  
Dormes acaso no fundo  
Do abismo tredo e profundo,  
Minha pérola de Ofir?

Ah! Iná! por toda parte  
Que teu espírito esteja,  
Minh'alma que te deseja  
Não cessará de buscar-te!

Irei às nuvens serenas,  
Vestindo as ligeiras penas  
Do mais ligeiro condor;  
Irei ao pego espumante,  
Como da Ásia o possante,  
Soberbo mergulhador!

Irei à pátria das fadas  
E dos silfos errabundos,  
Irei aos antros profundos  
Das montanhas encantadas;

Se depois de imensas dores,  
No seio ardente de amores  
Eu não puder apertar-te,  
Quebrando a dura barreira  
Deste mundo de poeira,

Talvez, Iná, hei de achar-te!

II

Era à tardinha. Cismando,  
Por uma senda arenosa  
Eu caminhava. Tão brando,  
Como a voz melodiosa  
Da menina enamorada,  
Sobre a grama aveludada,  
Corria o vento a chorar.  
Gemia a pomba... no ar  
Passava grato e sentido  
O aroma das maravilhas  
Que cresciam junto às trilhas  
Do deserto umedecido.

Mais bela que ao meio-dia,  
Mais carinhosa batia  
A luz nos canaviais;  
E o manso mover das matas,  
O barulho das cascatas  
Tinham notas divinais.  
Tudo era tão calmo e lindo,  
Tão fresco e plácido ali,  
Que minh'alma se expandindo  
Voou, foi junto de ti,

Nas asas do pensamento,  
Gozar do contentamento  
Que noutro tempo fruí.  
Oh! Como através dos mantos  
Das saudades e dos prantos  
Tão meigamente sorrias!  
Tinhas o olhar tão profundo  
Que de minh'alma no fundo  
Fizeste brotar um mundo  
De sagradas alegrias.

Uma grinalda de rosas  
Branças, virgens, odorosas,  
Te cingia a fronte triste...  
Cismavas queda, silente,  
Mas, ao chegar-me, tremente  
Te ergueste, e alegre, contente,  
Sobre meus braços caíste.  
Pouco a pouco, entre os palmares  
Da longínqua serrania,  
Sumia-se a luz do dia  
Que aclarava esses lugares;



As campânulas pendidas  
Sobre as fontes adormidas  
De sereno gotejavam,  
E no fundo azul dos céus,  
Dos vapores entre os véus,  
As estrelas despontavam.  
Éramos sós, mais ninguém  
Nossas palavras ouvia;  
Como tremias, meu bem!  
Como teu peito batia!...  
Pelas janelas abertas  
Entravam moles, incertas,  
Daquelas plagas desertas  
As virações suspirosas,  
E cheias de mil desvelos,  
Cheias de amor e de anelos,  
Lançavam por teus cabelos  
O eflúvio das tuberosas!...  
Ai! tu não sabes que dores,  
Que tremendos dissabores  
Longe de ti eu padeço!

Em teu retiro sozinha,  
Pobre criança mesquinha,  
Cuidas talvez que te esqueço!  
A turba dos insensatos  
Entre fúteis aparatos  
Canta e folga pelas ruas,  
Mas triste, sem um amigo,  
Em meu solitário abrigo  
Pranteio saudades tuas!

Nem um minuto se passa,  
Nem um inseto esvoaça,  
Nem uma brisa perpassa  
Sem uma lembrança aqui;  
O céu da aurora risonho,  
A luz de um astro tristonho,  
Os sonhos que à noite sonho,  
Tudo me fala de ti.

### III

Tu és a aragem perdida  
Na espessura do pomar,  
Eu sou a folha caída  
Que levas sobre as asas ao passar.  
Ah! voa, voa, a sina cumprirei:  
Te seguirei.

Tu és a lenda brilhante  
Junto do berço cantada;  
Eu sou o pávido infante  
Que o sono esquece ouvindo-te a toada.  
Ah! canta, canta, a sina cumprirei:  
Te escutarei.

Tu és a onda de prata  
Do regato transparente;  
Eu a flor que se retrata  
No cristal encantado da corrente.  
Ah! chora, chora, o fado cumprirei:  
Te beijarei.

Tu és o laço enganoso  
Entre rosas estendido;  
Eu o pássaro descuidoso  
Por funesto prestígio seduzido.  
Ah! não temas, a sina cumprirei:  
Me entregarei.

Tu és o barquinho errante  
No espelho azul da lagoa;  
Eu sou a espuma alvejante  
Que agita n'água a cortadora proa.  
Ah! voga, voga, o fado cumprirei:  
Me desfarei.

Tu és a luz da alvorada  
Que rebenta na amplidão;  
Eu a gota pendurada  
Na trepadeira curva do sertão.  
Ah! brilha, brilha, a sorte cumprirei:  
Cintilarei.

Tu és o íris eterno  
Sobre os desertos pendido;  
Eu o ribeiro do inverno  
Entre broncos fragedos escondido.  
Ah! fulge, fulge, a sorte cumprirei:  
Deslizarei.

Tu és a esplêndida imagem  
De um romântico sonhar;  
Eu cisne de alva plumagem  
Que falece de amor a te mirar.  
Ah! surge, surge, o fado cumprirei:  
Desmaiarei.

Tu és a luz crepitante  
Que em noite trevosa ondeia;

Eu mariposa ofegante  
Que em torno à chama trêmula volteia.  
Ah! basta, basta, a sina cumprirei:  
Me abrasarei.

IV

Teus olhos são negros, negros  
Como a noite nas florestas...  
Infeliz do viajante  
Se de sombras tão funestas  
Tanta luz não rebentasse!  
A aurora desponta e nasce  
Da noite escura e tardia:  
Também da noite sombria  
De teus olhos amorosos  
Partem raios mais formosos  
Que os raios da luz do dia.

Teu cabelo mais cheiroso  
Que o perfume dos vergéis,  
Na brancura imaculada  
Da cútis acetinada  
Rola em profusos anéis:  
Eu quisera ter mil almas,  
Todas ardentes de anelos,  
Para prendê-la, meu anjo,  
À luz de teus olhos belos,  
Nos grilhões de teus olhares,  
Nos anéis de teus cabelos!

V

Não vês quantos passarinhos  
Se cruzam no azul do céu?  
Pois olha, pomba querida,  
Mais vezes,  
Mais vezes te adoro eu.

Não vês quantas rosas belas  
O sereno umedeceu?  
Pois olha, flor de minh'alma,  
Mais vezes,  
Mais vezes te adoro eu.

Não vês quantos grãos de areia  
Na praia o rio estendeu?  
Pois olha, cândida pérola,  
Mais vezes,  
Mais vezes te adoro eu.

Ave, flor, perfume, canto,  
Rainha do gênio meu,  
Além da glória e dos anjos,  
Mil vezes,  
Mil vezes te adoro eu.

VI

És a sultana das brasílias terras,  
A rosa mais balsâmica das serras,  
A mais bela palmeira dos desertos;  
Tens nos olhares do infinito as festas  
E a mocidade eterna das florestas  
Na frescura dos lábios entreabertos.

Por que Deus fez-te assim? Que brilho é esse  
Que ora incendeia-se, ora desfalece  
Nessas pupilas doidas de paixão?...  
Quando as enxergo julgo nos silvados  
Ver palpar nos lírios debruçados  
As borboletas negras do sertão.

O rochedo luzido, onde a torrente  
Bate alta noite rápida e fremente,  
De teu preto cabelo inveja a cor...  
E que aroma, meu Deus! o estio inteiro  
Parece que levanta-se fagueiro,  
Cheio de sombra e cânticos de amor!  
Quando tu falas lembro-me da infância,  
Dos vergéis de dulcíssima fragrância  
Onde cantava à tarde o sabiá!...  
Ai! deixa-me chorar e fala ainda,  
Não, não dissipas a saudade infinda  
Que nesta fronte bafejando está!

Eu tenho nalma um pensamento escuro,  
Tão tredo e fundo que o farol mais puro  
Que Deus há feito espancará jamais  
Debalde alívio hei procurado aflito,  
Mas quando falas, teu falar bendito  
Abranda-lhe os martírios infernais!

Dizem que a essência dos mortais há vindo  
De um outro mundo mais formoso e lindo  
Que um santo amor as bases alimenta;  
Talvez nesse outro mundo um laço estreito  
A teu peito prendesse o triste peito  
Que hoje sem ti nas trevas se lamenta!

És a princesa das brasílias terras,

A rosa mais balsâmica das serras,  
Do céu azul a estrela mais diletta...  
Vem, não te afastes, teu sorrir divino  
É belo como a aurora, e a voz um hino  
Que o gênio inspira do infeliz poeta.

VII

Ah! quando face a face te contemplo,  
E me queimo na luz de teu olhar,  
E no mar de tu'alma afogo a minha,  
E escuto-te falar;  
Quando bebo teu hálito mais puro  
Que o bafejo inefável das esferas.  
E miro os róseos lábios que aviventam  
Imortais primaveras,

Tenho medo de ti!... Sim, tenho medo  
Porque pressinto as garras da loucura,  
E me arrefeço aos gelos do ateísmo,  
Soberba criatura!

Oh! Eu te adoro como adoro a noite  
Por alto-mar, sem luz, sem claridade,  
Entre as refregas do tufão bravo  
Vingando a imensidade!

Como adoro as florestas primitivas  
Que aos céus levantam perenais folhagens,  
Onde se embalam nos coqueiros presas  
As redes dos selvagens!

Como adoro os desertos e as tormentas,  
O mistério do abismo e a paz dos ermos,  
E a poeira de mundos que prateia  
A abóbada sem termos!...

Como tudo o que é vasto, eterno e belo,  
Tudo o que traz de Deus o nome escrito!  
Como a vida sem fim que além me espera  
No seio do infinito!

VIII

Saudades! tenho saudades  
Daqueles serros azuis,  
Que à tarde o sol inundava  
De louros toques de luz!  
Tenho saudades dos prados,  
Dos coqueiros debruçados

À margem do ribeirão,  
E o dobre de Ave-Maria  
Que o sino da freguesia  
Lançava pela amplidão!  
Oh! minha infância querida!  
Oh! doce quartel da vida!  
Como passaste depressa!  
Se tinhas de abandonar-me,  
Por que, falsária, enganar-me  
Com tanta meiga promessa?  
Ingrata, por que te foste?  
Por que te foste, infiel?  
E a taça de etéreas ditas,  
As ilusões tão bonitas  
Cobriste de lama e fel?

Eu era vivo e travesso,  
Tinha seis anos então,  
Amava os contos de fadas  
Contados junto ao fogão;  
E as cantigas compassadas,  
E as legendas encantadas  
Das eras que lá se vão.  
De minha mãe era o mimo,  
De meu pai era a esperança;  
Um tinha o céu, outro a glória  
Em meu sorrir de criança,  
Ambos das luzes viviam  
Que de meus olhos partiam.

Junto do alpendre sentado  
Brincava com minha irmã,  
Chamando o grupo de anjinhos  
Que tiritavam sozinhos  
Na cerração da manhã;  
Depois, por ínvios caminhos,  
Por campinas orvalhadas,  
Ao som de ledas risadas  
Nos lançávamos correndo...  
O viandante parava  
Tão descuidosos nos vendo,  
O camponês nos saudava,  
A serrana nos beijava  
Ternas palavras dizendo.

À tarde eram brincos, festas,  
Carreiras entre as giestas,  
Folgedos sobre a verdura;  
Nossos pais nos contemplavam,  
E seus seios palpitavam

De uma indizível ventura.  
Mas ai! os anos passaram,  
E com eles se apagaram  
Tão lindos sonhos sonhados!  
E a primavera tardia,  
Que tanta flor prometia,  
Só trouxe acerbos cuidados!

Inda revejo esse dia,  
Cheio de dores e prantos,  
Em que tão puros encantos  
Oh! sem saber os perdia!  
Lembra-me ainda: era à tarde.  
Morria o sol entre os montes,  
Casava-se a voz das rolas  
Ao burburinho das fontes;  
O espaço era todo aromas,  
Da mata-virgem nas comas  
Pairava um grato frescor;  
As criancinhas brincavam,  
E as violas ressoavam  
Na cabana do pastor.

Parti, parti, mas minh'alma  
Partida ficou também,  
Metade ali, outra em penas  
Que mais consolo não tem!  
Oh! como é diverso o mundo  
Daquelas serras azuis,  
Daqueles vales que riem  
Do sol à dourada luz!  
Como diferem os homens  
Daqueles rudes pastores  
Que o rebanho apascentavam,  
Cantando idílios de amores!  
Subi aos paços dos nobres,  
Fui aos casebres dos pobres,

Riqueza e miséria vi;  
Mas tudo é morno e cansado,  
Tem um gesto refalsado,  
Nestes lugares daqui!  
Oh! Então chorei por ti,  
Minha adorada mansão;  
Chamei-te de meu desterro,  
Os braços alcei-te em vão!  
Não mais! Os anos passaram,  
E com eles desbotaram!  
Tantas rosas de esperança!  
Do tempo nas cinzas frias

Repousam pra sempre os dias  
De meu sonhar de criança!

IX

Um dia o sol poente dourava a serrania,  
As ondas suspiravam na praia mansamente,  
E além nas solidões morria o som plangente  
Dos sinos da cidade dobrando Ave-Maria.

Estávamos sozinhos sentados no terraço  
Que a trepadeira em flor cobria de perfumes:  
Tu escutavas muda das auras os queixumes,  
Eu tinha os olhos fitos na vastidão do espaço.

Então me perguntaste com essa voz divina  
Que a teu suave mando trazia-me cativo:  
— Por que todo o poeta é triste e pensativo?  
Por que dos outros homens não segue a mesma sina?

Era tão lindo o céu, a tarde era tão calma...  
E teu olhar brilhava tão cheio de candura,  
Criança! que não viste a tempestade escura  
Que estas palavras tuas me despertaram nalma!

Pois bem, hoje que o tempo partiu de um golpe só  
Sonhos da mocidade e crenças do futuro,  
Na frente do poeta não vês o selo escuro  
Que faz amar as tumbas e afeiçoar-se ao pó?

X

À luz da aurora, nos jardins da Itália  
Floresce a dália de sentida cor,  
Conta-lhe o vento divinais desejos  
E geme aos beijos da mimosa flor.

O céu é lindo, a fulgurante estrela  
Ergue-se bela na amplidão do sul,  
Pálidas nuvens do arrebol se coram,  
As auras choram na lagoa azul.

Tu és a dália dos jardins da vida,  
A estrela erguida no cerúleo véu,  
Tens nalma um mundo de virtudes santas,  
E a terra encantas num sonhar do céu.

Basta um bafejo na inspirada fibra  
Que o seio vibra divinais encantos,  
Como no templo do senhor vendado



O órgão sagrado se desfaz em cantos.

Pomba inocente, nem sequer o indício  
Do escuro vício pressentiste apenas!  
Nunca manchaste na charneca impura  
A doce alvura das formosas penas.

#### CISMAS À NOITE

Doce brisa da noite, aura mais frouxa  
Que o débil sopro de adormido infante,  
Tu és, quem sabe? a perfumada aragem  
Das asas de ouro algum gênio errante.

Tu és, quem sabe? a gemedora endecha  
De um ente amigo que afastado chora,  
E ao som das fibras do saltério ebúrneo  
Conta-me as dores que padece agora!  
Ai! não te arredes, viração tardia,  
Zéfiro pleno da estival fragrância!  
Sinto a teus beijos ressurgir-me alma  
O drama inteiro da rosada infância!

Bem com a aurora faz brotar as clícias,  
Chama das selvas os festivais cantores,  
Assim dos tempos na penumbra elevas  
Todos os quadros da estação das flores.

Sim, vejo ao longe os matagais extensos,  
O lago azul, os palmeirais airosos,  
A grei sem conta de ovelhinhas brancas  
Balindo alegre nos sarçais viçosos;

Diviso a choça paternal no outeiro,  
Alva, gentil, dos laranjais no seio,  
Como a gaivota descuidosa e calma  
Das verdes ondas a boiar no meio;

Sinto o perfume das roçadas frescas,  
Ouço a canção do lenhador sombrio,  
Sigo o barqueiro que tranqüilo fende  
A lisa face do profundo rio...

Oh! minhas noites de ilusões celestes!  
Visões brilhantes da primeira idade!  
Como de novo reviveis tão lindas  
Por entre as balsas da nativa herdade!

Como no espaço derramais, suaves,  
Tão langue aroma, vibração tão grata!  
Como das sombras do passado, mesmo,

Tantas promessas o porvir desata!

Exalte embora o insensato as trevas,  
Chame o descrido a solidão e a morte,  
Não quero ainda fenecer, é cedo!  
Creio na sina, tenho fé na sorte!

Creio que as dores que suporto alcancem  
Um prêmio ainda da justiça eterna!  
Oh! Basta um sonho!... o respirar de um silfo,  
O amor duma alma compassiva e terna!

Basta uma noite de luar nos campos,  
O brando eflúvio dos vergéis do sul,  
Dois olhos belos, como a crença belos,  
Fitos do espaço no fulgente azul!

Ah! não te afastes, viração amiga!  
Além não passes com teu mole adejo!  
Tens nas delícias que as torrentes vertes  
Toda a doçura de um materno beijo!

Fala-me ainda desses tempos idos,  
Rasga-me a tela da sação que vem,  
Foge depois, e mais sutil, mais tênue,  
Vai meus suspiros repetir além.

#### SEXTILHAS

Amo o cantor solitário  
Que chora no campanário  
Do mosteiro abandonado,  
E a trepadeira espinhosa  
Que se abraça caprichosa  
À força do condenado.  
Amo os noturnos lampírios  
Que giram, errantes círios,  
Sobre o chão dos cemitérios,  
E ao clarão de tredas luzes  
Fazem destacar as cruces  
De seu fundo de mistérios.

Amo as tímidas aranhas  
Que, lacerando as entranhas,  
Fabricam dourados fios,  
E com seus leves tecidos  
Dos tugúrios esquecidos  
Cobrem os muros sombrios.

Amo a lagarta que dorme,  
Nojenta, lânguida, informe,

Por entre as ervas rasteiras,  
E as rãs que os paus habitam,  
E os moluscos que palpitam  
Sob as vagas altaneiras!

Amo-os, porque todo o mundo  
Lhes vota um ódio profundo,  
Despreza-os sem compaixão!  
Porque todos desconhecem  
As dores que eles padecem  
No meio da criação!

### CÂNTICO DO CALVÁRIO

À memória de meu filho

Morto a 11 de dezembro de 1863

Eras na vida a pomba predileta  
Que sobre um mar de angústias conduzia  
O ramo da esperança!... eras a estrela  
Que entre as névoas do inverno cintilava  
Apontando o caminho ao pegureiro!...  
Eras a messe de um dourado estio!...  
Eras o idílio de um amor sublime!...  
Eras a glória, a inspiração, a pátria,  
O porvir de teu pai! — Ah! no entanto,  
Pomba — varou-te a flecha do destino!  
Astro — engoliu-te o temporal do norte!  
Teto, caíste! Crença, já não vives!  
Correi, correi, oh! lágrimas saudosas,  
Legado acerbo da ventura extinta,  
Dúbios archotes que a tremer clareiam  
A lousa fria de um sonhar que é morto!  
Correi! Um dia vos verei mais belas  
Que os diamantes de Ofir e de Golconda  
Fulgurar na coroa de martírios  
Que me circunda a fronte cismadora!  
São mortos para mim da noite os fachos,  
Mas Deus vos faz brilhar, lágrimas santas,  
E à vossa luz caminharei nos ermos!  
Estrelas do sofrer, gotas de mágoa,  
Brando orvalho do céu! sede benditas!  
Oh! filho de minh'alma! Última rosa  
Que neste solo ingrato vicejava!  
Minha esperança amargamente doce!  
Quando as garças vierem do ocidente,  
Buscando um novo clima onde pousarem,  
Não mais te embalarei sobre os joelhos,  
Nem de teus olhos no cerúleo brilho  
Acharei um consolo a meus tormentos!  
Não mais invocarei a musa errante  
Nesses retiros onde cada folha

Era um polido espelho de esmeralda  
Que refletia os fugitivos quadros  
Dos suspirados tempos que se foram!  
Não mais perdido em vaporosas cismas  
Escutarei ao pôr-do-sol, nas serras,  
Vibrar a trompa sonora e leda  
Do caçador que aos lares se recolhe!  
Não mais! A areia tem corrido, e o livro  
De minha infanda história está completo.  
Pouco tenho de andar! Um passo ainda,  
E o fruto de meus dias, negro, podre,  
Do galho eivado rolará por terra!  
Ainda um treno! e o vendaval sem freio  
Ao soprar quebrará a última fibra  
Da lira infausta que nas mãos sustenho!  
Tornei-me o eco das tristezas todas  
Que entre os homens achei! o lago escuro  
Onde ao clarão dos fogos da tormenta  
Miram-se as larvas fúnebres do estrago!  
Por toda a parte em que arrastei meu manto  
Deixei um traço fundo de agonias!...

Oh! Quantas horas não gastei, sentado  
Sobre as costas bravias do Oceano,  
Esperando que a vida se esvaísse  
Como um floco de espuma, ou como o friso  
Que deixa n'água o lenho do barqueiro!  
Quantos momentos de loucura e febre  
Não consumi perdido nos desertos,  
Escutando os rumores das florestas,  
E procurando nessas vozes torvas  
Distinguir o meu cântico de morte!

Quantas noites de angústias e delírios  
Não velei, entre as sombras espreitando  
A passagem veloz do gênio horrendo  
Que o mundo abate ao galopar infrene  
Do selvagem corcel?... E tudo embalde!  
A vida parecia ardente e doida  
Agarrar-se a meu ser!... E tu tão jovem,  
Tão puro ainda, ainda na alvorada,  
Ave banhada em mares de esperança,  
Rosa em botão, crisálida entre luzes,  
Foste o escolhido na tremenda ceifa!  
Ah! quando a vez primeira em meus cabelos  
Senti bater teu hálito suave;  
Quando em meus braços te cerrei, ouvindo  
Pulsar-te o coração divino ainda;  
Quando fitei teus olhos sossegados,  
Abismos de inocência e de candura,

E baixo e a medo murmurei: meu filho!  
Meu filho! frase imensa, inexplicável,  
Grata como o chorar de Madalena  
Aos pés do Redentor... ah! pelas fibras  
Senti rugir o vento incendiado  
Desse amor infinito que eterniza  
O consórcio dos orbes que se enredam  
Dos mistérios do ser na teia augusta  
Que prende o céu à terra e a terra aos anjos!  
Que se expande em torrentes inefáveis  
Do seio imaculado de Maria!  
Cegou-me tanta luz! Errei, fui homem!  
E de meu erro a punição cruenta  
Na mesma glória que elevou-me aos astros,  
Chorando aos pés da cruz, hoje padeço!

O som da orquestra, o retumbar dos bronzes,  
A voz mentida de rafeiros bardos,  
Torpe alegria que circunda os berços  
Quando a opulência doura-lhes as bordas,  
Não te saudaram ao sorrir primeiro,  
Clícia mimosa rebentada à sombra!  
Mas ah! se pompas, esplendor faltaram-te,  
Tiveste mais que os príncipes da terra...  
Templos, altares de afeição sem termos!  
Mundos de sentimento e de magia!  
Cantos ditados pelo próprio Deus!  
Oh! Quantos reis que a humanidade aviltam  
E o gênio esmagam dos soberbos tronos,  
Trocariam a púrpura romana  
Por um verso, uma nota, um som apenas  
Dos fecundos poemas que inspiraste!

Que belos sonhos! Que ilusões benditas!  
Do cantor infeliz lançaste à vida,  
Arco-íris de amor! luz da aliança,  
Calma e fulgente em meio da tormenta!  
De exílio escuro a cítara chorosa  
Surgiu de novo e às virações errantes  
Lançou dilúvios de harmonia! O gozo  
Ao pranto sucedeu, as férreas horas  
Em desejos alados se mudaram...  
Noites fulgiam, madrugadas vinham,  
Mas sepultados num prazer profundo  
Não te deixava o berço descuidoso,  
Nem de teu rosto meu olhar tirava,  
Nem de outros sonhos que dos teus vivia!

Como eras lindo! Nas rosadas faces  
Tinhas ainda o tépido vestígio

Dos beijos divinais! nos olhos languês  
Brilhava o brando raio que acendera  
A bênção do Senhor quando o deixaste!  
Sobre o teu corpo a chusma dos anjinhos,  
Filhos do éter e da luz, voavam,  
Riam-se alegres, das caçoilas níveas,  
Celeste aroma te vertendo ao corpo!  
E eu dizia comigo: — teu destino  
Será mais belo que o cantar das fadas  
Que dançam no arrebol, mais triunfante  
Que o sol nascente derribando ao nada  
Muralhas de negrume!... Irás tão alto  
Como o pássaro-rei do Novo Mundo!  
Ai! doido sonho!... Uma estação passou-se,  
E tantas glórias, tão risonhos planos  
Desfizeram-se em pó! O gênio escuro  
Abrasou com seu facho ensangüentado  
Meus soberbos castelos. A desgraça  
Sentou-se em meu solar, e a soberana  
Dos sinistros impérios de além-mundo  
Com seus dedos reais selou-te a fronte!  
Inda te vejo pelas noites minhas,  
Em meus dias sem luz vejo-te ainda,  
Creio-te vivo, e morto te pranteio!...

Ouço o tanger monótono dos sinos,  
É cada vibração contar parece  
As ilusões que murcham-se contigo!  
Escuto em meio de confusas vozes,  
Cheias de frases pueris, estultas,  
O linho mortuário que retalham  
Para envolver teu corpo! Vejo esparsas  
Saudades e perpétuas, sinto o aroma  
Do incenso das igrejas, ouço os cantos  
Dos ministros de Deus que me repetem  
Que não és mais da terra!... E choro embalde!...  
Mas não! Tu dormes no infinito seio  
Do criador dos seres! Tu me falas  
Na voz dos ventos, no chorar das aves,  
Talvez das ondas no respiro flébil!  
Tu me contempas lá do céu, quem sabe?  
No vulto solitário de uma estrela...  
E são teus raios que meu estro aquecem!  
Pois bem! Mostra-me as voltas do caminho!  
Brilha e fulgura no azulado manto!  
Mas não te arrojes, lágrima da noite,  
Nas ondas nebulosas do ocidente!  
Brilha e fulgura! Quando a morte fria,  
Sobre mim sacudir o pó das asas,  
Escada de Jacó serão teus raios

Por onde azinha subirá minh'alma.

#### QUEIXAS DO POETA

Ao cedro majestoso que o firmamento espana  
Ligou a mão de Deus a úmida liana,  
Às amplas soledades arroios amorosos,  
Às selvas passarinhos de cantos sonorosos,  
Neblinas às montanhas, aos mares virações,  
Ao céu mundos e mundos de fúlgidos clarões,  
Mas presa de uma dor tantálica e secreta  
Sozinho fez brotar o gênio do poeta!...

A aurora tem cantigas e a mocidade rosas,  
O sono do opulento visões deliciosas,  
Nas ondas cristalinas espelham-se as estrelas,  
E as noites desta terra têm seduções tão belas,  
Que as plantas, os rochedos e os homens eletrizam,  
E os mais dourados sonhos na vida realizam.  
Mas triste, do martírio ferido pela seta,  
Soluça no silêncio o mísero poeta!...

As auras do verão, nas regiões formosas  
Do mundo americano, as virações cheirosas  
Parecem confundidas rolar por sobre as flores  
Que exalam da corola balsâmicos odores;  
As leves borboletas em bandos esvoaçam,  
Os reptis na sombra às árvores se enlaçam;  
Mas só, sem o consolo de uma alma predileta,  
Descora no desterro a frente do poeta!...

O viajor que à tarde sobre os outeiros passa  
Divisa junto às selvas um fio de fumaça  
Erguer-se preguiçoso da choça hospitaleira  
Pousada alegremente de um ribeirão à beira;  
Ali junto dos seus descansa o lavrador,  
Dos homens afastado e longe do rumor;  
Mas no recinto escuro que o desalento infecta  
Sucumbe lentamente o gênio do poeta!...

No rio caudaloso que a solidão retalha,  
Da funda correnteza na límpida toalha,  
Deslizam mansamente as garças alvejantes;  
Nos trêmulos cipós de orvalho gotejantes  
Embalam-se avezinhas de penas multicores  
Pejando a mata virgem de cânticos de amores;  
Mas presa de uma dor tantálica e secreta  
De dia em dia murcha o louro do poeta!...

#### RESIGNAÇÃO

Sozinho no descampado,

Sozinho sem companheiro,  
Sou como o cedro altaneiro  
Pela tormenta açoitado.

Rugi, tufão desabrido!  
Passai, temporais de pó!  
Deixai o cedro esquecido,  
Deixai o cedro estar só!

Em meu orgulho embuçado,  
Do tempo zombo da lei...  
Oh! venha o raio abrasado,  
— Sem me vergar... tombarei!

Gigante da soledade,  
Tenho na vida um consolo:  
Se enterro as plantas no solo,  
Chego a frente à imensidade!

Nada a meu fado se prende,  
Nada enxergo junto a mim;  
Só o deserto se estende  
A meus pés, fiel mastim.

À dor o orgulho sagrado  
Deus ligou num grande nó...  
Quero viver isolado,  
Quero viver sempre só!

E quando o raio incendiado  
Roçar-me, então cairei  
Em meu orgulho envolvido,  
Como em um manto de rei.

### PROTESTOS

Esquecer-me de ti? Pobre insensata!  
Posso acaso o fazer quando em minh'alma  
A cada instante a tua se retrata?  
Quando és de minha vida o louro e a palma,  
O faro amigo que anuncia o porto,  
A luz bendita que a tormenta acalma?

Quando na angústia fúnebre do horto  
És a sócia fiel que azinha instila  
Na taça da amargura algum conforto?

Esquecer-me de ti, pomba tranqüila,  
Em cujo peito, erário de esperança,  
Entre promessa meu porvir se asila!



Esquecer-me de ti, frágil criança,  
Ave medrosa que esvoaça e chora  
Temendo o raio em dias de bonança!

Bane o pesar que a fronte te descora,  
Seca as inúteis lágrimas no rosto...  
Que, pois, receias se inda brilha a aurora?

Ermo arvoredo aos temporais exposto,  
Tudo pode aluir, tudo apagar  
Em minha vida a sombra do desgosto;

Ah! mas nunca teu nome há de riscar  
De um coração que te idolatra, enquanto  
Uma gota de sangue lhe restar!

É teu, e sempre teu, meu triste canto,  
De ti rebenta a inspiração que tenho,  
Sem ti me afogo num contínuo pranto;

Teu riso alenta meu cansado engenho,  
E ao meigo auxílio de teus doces braços  
Carrego aos ombros o funesto lenho.  
De mais a mais se apertam nossos laços,  
A ausência... oh! Que me importa! estás presente  
Em toda a parte onde dirijo os passos.

Na brisa da manhã que molemente  
Junca de flores do deserto as trilhas  
Ouço-te a fala trêmula e plangente.

Do céu carmíneo nas douradas ilhas  
Vejo-te, ao pôr-do-sol, a grata imagem,  
Cercada de esplendor e maravilhas.

Da luz, do mar, da névoa e da folhagem  
Uma outra tu mesma eu hei formado,  
Outra que és tu, não pálida miragem.

E coloquei-te num altar sagrado  
Do templo imenso que elevou talvez  
Meu gênio pelos anjos inspirado!

Não posso te esquecer, tu bem o vês!  
Abre-me d'alma o livro tão vendado,  
Vê se te adoro ou não: por que descrês?

#### DESENGANO

Oh! não me fales da glória,  
Não me fales da esperança!

Eu bem sei que são mentiras  
Que se dissipam, criança!  
Assim como a luz profliga  
As sombras da imensidade,  
O tempo desfaz em cinzas  
Os sonhos da mocidade.  
Tudo descora e se apaga:  
É esta do mundo a lei,  
Desde a choça do mendigo  
Até aos paços do rei!  
A poesia é um sopro,  
A ciência uma ilusão,  
Ambas tateiam nas trevas  
A luz procurando em vão.  
Caminham doidas, sem rumo,  
Na senda que à dor conduz,  
E vão cair soluçando  
Aos pés de sangrenta cruz.  
Oh! Não me fales da glória,  
Não me fales da esperança!  
Eu bem sei que são mentiras  
Que se dissipam, criança!  
Que me importa um nome impresso  
No templo da humanidade,  
E as coroas de poeta,  
E o selo da eternidade,  
Se para escrever os cantos  
Que a multidão admira  
É mister quebrar as penas  
De minh'alma que suspira?  
Se nos desertos da vida,  
Romeiro da maldição,  
Tenho de andar sem descanso  
Como o Hebreu da tradição?...  
Buscar das selvas o abrigo,  
A sombra que a paz aninha,  
E ouvir a selva bradar-me:  
Ergue-te, doido, e caminha!  
Caminha! dizer-me o mante!  
Caminha! dizer-me o prado.  
Oh! Mais não posso! — Caminha!  
Responder-me o descampado?...  
Ah! não me fales da glória,  
Não me fales da esperança!  
Eu bem sei que são mentiras  
Que se dissipam, criança!  
EM TODA A PARTE  
Quando alta noite as florestas,  
Ao soprar das ventanias,  
Tenebrosas agonias

Traem nas vozes funestas,  
Quando as torrentes bravejam,  
Quando os coriscos rastejam  
Na espuma dos escarcéus...  
Então a passos incertos  
Procuro os amplos desertos  
Para escutar-te, meu Deus!  
Quando na face dos mares  
Espelha-se o rei dos astros,  
Cobrindo de ardentes rastros  
Os cerúleos alçaçares;  
E a luz domina os espaços  
Partindo da névoa os laços,  
Rasgando da sombra os véus...

Então resoluto, ufano,  
Corro às praias do oceano  
Para mirar-te, meu Deus!  
Quando às bafagens do estio  
Tremem os pomos dourados,  
Sobre os galhos pendurados  
Do pomar fresco e sombrio;  
Quando à flor d'água os peixinhos  
Saltitam, e os passarinhos  
Se cruzam no azul dos céus,  
Então procuro as savanas,  
Me atiro entre as verdes canas  
Para sentir-te, meu Deus!  
Quando a tristeza desdobra  
Seu manto escuro em minh'alma,  
E vejo que nem a calma  
Desfruto que aos outros sobra,  
E do passado no templo  
Letra por letra contemplo  
A nênia dos sonhos meus...  
Então me afundo na essência  
De minha própria existência  
Para entender-te, meu Deus!

#### NO ERMO

Salve! erguidas cordilheiras,  
Brenhas, rochas altaneiras,  
Donde as alvas cachoeiras  
Se arrojam troando os ares!  
Folhas que rangem caindo,  
Feras que passam rugindo,  
Gênios que dormem sorrindo  
No fresco chão dos palmares!

Salve! florestas sombrias,

Onde as rijas ventanias  
Acordam mil harmonias  
Na doce quadra estival!  
Rolas gentis que suspiram,  
Louras abelhas que giram  
Sobre as flores que transpiram  
No seio do taquara!

Salve! esplêndida espessura,  
Mares de sombra e verdura  
Donde a brisa etérea e pura  
Faz brotar a inspiração,  
Quando à luz dos vaga-lumes,  
Da mariposa aos cardumes  
Se casam moles queixumes  
Dos filhos da solidão!

Ah! que eu não possa me afastar das turbas,  
Curar a febre que meu ser consome,  
E entre alegrias me atirar cantando  
Nas secas folhas do sertão sem nome...

Ah! que eu não possa desprender aos ermos  
O fogo ardente que meu crânio encerra,  
Gastar os dias entre Deus e os gênios  
Nas matas virgens da cabrália terra!

Eu não detesto nem maldigo a vida,  
Nem do despeito me remorde a chaga;  
Mas ai! sou pobre, pequenino e débil,  
E sobre a estrada o viajor me esmaga!

Fere-me os olhos o clarão do mundo,  
Rasgam-me o seio prematuras dores,  
E à mágoa insana que me enluta as noites  
Declino à campa na estação das flores!

E há tanto encanto nos desertos vastos,  
Tanta beleza do sertão na sombra,  
Tanta harmonia no correr do rio,  
Tanta doçura na campestre alfombra,

Que inda pudera se alentar de novo  
E entre delícias flutuar minh'alma,  
Fanada planta que mendiga apenas  
O orvalho, a noite, a viração e a calma!

Abre-me os braços, ó fada,  
Fada do ermo profundo,  
Onde o bulício do mundo

Não ousa sequer bater!  
Oh! quero tudo esquecer,

Tudo o que aos homens seduz,  
Beber uma nova vida  
E a fronte elevar ungida  
De santas crenças à luz!  
Glória, futuro... o que valem  
Futuro e glórias de pó...

Sem gratos sonhos que embalem  
O triste descrido e só?  
De que serve o ouro, a fama,  
Um nome — pálida chama!  
Quando à noite junto à cama  
Só há martírios e dores?  
Quando a aurora é sem belezas,  
Cheias de espinhos as devesas,  
E a tarde só tem tristezas  
Em vez de cantos e flores!

#### VERSOS SOLTOS

Ao General Juarez

Juarez! Juarez! Quando as idades,  
Fachos de luz que a tirania espancam,  
Passarem desvendando sobre a terra  
As verdades que a sombra escurecia;  
Quando soar no firmamento esplêndido  
O julgamento eterno;  
Então banhado do prestígio santo  
Das tradições que as epopéias criam,  
Grande como um mistério do passado,  
Será teu nome a mágica palavra  
Que o mundo falará lembrando as glórias  
Da raça mexicana!  
Quem se atreve a medir-te face a face?  
Quem teu vôo acompanha nas alturas,  
Condor soberbo que da luz nas ondas  
Sacode o orvalho das possantes asas,  
E lança um grito de desprezo infindo  
Aos milhafres rasteiros?  
Que destemido caçador dos ermos  
Irá te cativar, ave sublime,  
Nessas costas bravias e tremendas  
Onde o Grande Oceano atira as vagas  
E os vendavais sem peias atordoam  
O espaço de rugidos?  
Que sicário real, nas matas virgens,  
Amplas, sem marcos, sem batismo e data,  
Te apanhará, jaguar das soledades?...

Ah! tu espreitas os vulcões que dormem!  
Quando a cratera encher-se, à luz vermelha  
Rebentará nas praças!  
Trarás contigo os raios da tormenta!  
Da tormenta serás o sopro ardente!  
Mas a tormenta passará de novo  
E o golfo mexicano iluminado  
Refletirá teu vulto gigantesco.  
O'águia do porvir!  
Teu nome está gravado nos desertos  
Onde pés de mortal jamais pisaram!  
Quando pudessem deslembrá-lo os homens,  
As selvas despiram-se de folhas,  
Para arrojá-las do tufão nas asas  
As multidões ingratas!  
Como as de um livro imenso elas compõem  
Teu poema sublime, a pluma eterna  
Do invisível destino, e não rasteira,  
Mísera pena de mundano bardo,  
Nelas traçou as indelévels cifras  
De teu nome imortal!

Os pastores de Puebla e de Xalisco,  
As morenas donzelas de Bergara  
Cantam teus feitos junto ao lar tranqüilo  
Nas noites perfumadas e risonhas  
Da terra americana. Os viajantes,  
Que os desertos percorrem, pensativos  
Param no cimo das erguidas serras,  
Medem com a vista o descampado imenso,  
E murmuram fitando os horizontes  
Vastos, perdidos num lençol de névoas:  
Juarez! Juarez! em toda a parte  
Teu espírito vaga!...

Falam de ti as fontes e as montanhas,  
As ervinhas do campo e os passarinhos  
Que, abrindo as asas no azulado céu,  
Como um bando de sonhos esvoaçam.  
Mas esse nome que ameniza o canto  
Do torvo montanhês, e mais suave  
Que um suspiro de amor, parte dos lábios  
Da virgem sonhadora das campinas,  
Faz tremer o tirano que repousa  
Nos macios coxins do leito de ouro,  
Como o brado do arcanjo no infinito  
Ao fenecer dos mundos!

Deixa que as turbas de terror escravas  
Junto de falso trono se ajoelhem!

Os brindes e os folguedos continuam...  
Mas a mão invisível do destino  
Na sala do banquete austera escreve  
O aresto irrevogável!

#### SETE DE SETEMBRO

Quando o gênio de Deus em santo arrojo  
Batendo as sombras atirou no espaço  
A hipérbole da luz,  
E a matéria disforme que boiava  
Sem destino e sem rumo, abriu a senda  
Que à perfeição conduz;

Os querubins calaram-se escutando  
A ode universal que retumbava  
Aos pés do Criador;  
E a natureza virgem dilatou-se,  
E os mundos abalaram-se rugindo:  
— Somos livres, Senhor!

As gerações ergueram-se no tempo:  
De cada idéia levantou-se um povo,  
De cada povo a lei!...  
As eras sucederam-se confusas;  
Mas o canto divino orientava  
Das multidões a grei.

E ora entre névoas, ora entre fulgores,  
Como a lua formosa em céu nublado,  
A liberdade andava,  
E a cada passo a trânsfuga celeste  
Um rasto imenso de grilhões partidos  
Como o raio deixava!...

Mas tu, risonha plaga americana,  
Ilha de amor nos mares do mistério,  
Dormias a sorrir,  
Tão linda como o cisne de alvas penas,  
Tão pura como a virgem balouçada  
Nos sonhos do porvir!

Do vulto horrendo do voraz abutre  
A sombra intensa não toldou-te as faces,  
Nem manchou-te, é mentira!  
Anjo de asas de luz! não foste escrava!  
Criança! inda era cedo, o canto eterno  
Dormia-te na lira!

Dormia! mas o hábito de Deus  
Rugia-te nas fibras, inflamado

Como o vulcão no mar!  
As nações esperavam-te ansiosas,  
E no fórum dos povos avultava  
Vazio o teu lugar!

Apareceste enfim, mas não liberta,  
Que nunca foste escrava, apenas débil,  
Sem forças, vacilante;  
Se assim não é, onde estarão teus ferros?  
Onde o pó das prisões que derribaste?  
Onde o jugo infamante?

É neste altar de esplêndido futuro,  
Berço de outrora, trono do presente,  
Que beijamos-te as plantas,  
E ao perfume do incenso, ao som dos hinos,  
Adoramos em ti, da liberdade  
As glórias sacrossantas.

Filha augusta de Deus! Rosa banhada  
Da Redenção nas lágrimas ardentes!  
Mãe das raças oprimidas!  
Pomba sagrada que rompendo as nuvens  
Trazes ao lenho errante o verde ramo  
Ungido de promessas;

Liberdade gentil, mil vezes salve!  
Salve! sem peias devassando os ares,  
Espancando os bulhões!  
Salve! nos paços de opulentos sátrapas!  
Salve! na choça humilde do operário!  
Salve até nas prisões!

#### DE CANTOS MERIDIONAIS

##### O ESCRAVO

Ao Sr. Tomaz de Aquino Borges  
Dorme! Bendito o arcanjo tenebroso  
Cujo dedo imortal  
Gravou-te sobre a testa bronzeada  
O sigilo fatal!  
Dorme! Se a terra devorou sedenta  
De teu rosto o suor,  
Mãe compassiva agora te agasalha  
Com zelo e com amor.

Ninguém te disse o adeus da despedida,  
Ninguém por ti chorou!  
Embora! A humanidade em teu sudário  
Os olhos enxugou!



A verdade luziu por um momento  
De teus irmãos à grei:  
Se vivo foste escravo, és morto... livre  
Pela suprema lei!

Tu suspiraste como o hebreu cativo  
Saudoso do Jordão,  
Pesado achaste o ferro da revolta,  
Não o quiseste, não!  
Lançaste-o sobre a terra inconsciente  
De teu próprio poder!  
Contra o direito, contra a natureza,  
Preferiste morrer!

Do augusto condenado as leis são santas,  
São leis porém de amor:  
Por amor de ti mesmo e dos mais homens  
Preciso era o valor...  
Não o tiveste! Os ferros e os açoites  
Mataram-te a razão!  
Dobrado cativo! A teus algozes  
Dobrada punição!

Por que nos teus momentos de suplício,  
De agonia e de dor,  
Não chamaste das terras africanas  
O vento assolador?  
Ele traria a força e a persistência  
À tu'alma sem fé,  
Nos rugidos dos tigres de Benguela,  
Dos leões de Guiné!...

Ele traria o fogo dos desertos,  
O sol dos areais,  
A voz de teus irmãos viril e forte,  
O brado de teus pais!  
Ele te sopraria às moles fibras  
A raiva do suão  
Quando agitando as crinas inflamadas  
Fustiga a solidão!

Então ergueras resoluto a frente,  
E, grande em teu valor,  
Mostraras que em teu seio inda vibrava  
A voz do Criador!  
Mostraras que das sombras do martírio  
Também rebenta a luz!  
Oh! teus grilhões seriam tão sublimes,  
Tão santos como a cruz!

Mas morreste sem lutas, sem protestos,  
Sem um grito sequer!  
Como a ovelha no altar, como a criança  
No ventre da mulher!  
Morreste sem mostrar que tinhas nalma  
Uma chispa do céu!  
Como se um crime sobre ti pesasse!  
Como se foras réu!

Sem defesa, sem preces, sem lamentos,  
Sem círios, sem caixão,  
Passaste da senzala ao cemitério!  
Do lixo à podridão!  
Tua essência imortal onde é que estava?  
Onde as leis do Senhor?  
Digam-no o tronco, o látigo, as algemas  
E as ordens do feitor!

Digam-no as ambições desenfreadas,  
A cobiça fatal,  
Que a eternidade arvoram nos limites  
De um círculo mortal!  
Digam-no o luxo, as pompas e grandezas,  
Lacaios e brasões,  
Tesouros sobre o sangue amontoados,  
Paços sobre vulcões!

Digam-no as almas vis das prostitutas,  
O lodo e o cetim,  
O demônio do jogo, a febre acesa  
Em ondas de rubim!...  
E no entanto tinhas um destino,  
Uma vida, um porvir,  
Um quinhão de prazeres e venturas  
Sobre a terra a fruir!

Eras o mesmo ser, a mesma essência  
Que teu bárbaro algoz;  
Foram seus dias de rosada seda,  
Os teus de atro retroz!...  
Pátria, família, idéias, esperanças,  
Crenças, religião,  
Tudo matou-te, em flor no íntimo d'alma,  
O dedo da opressão!

Tudo, tudo abateu sem dó, nem pena!  
Tudo, tudo, meu Deus!  
E teu olhar à lama condenado  
Esqueceu-se dos céus!...  
Dorme! Bendito o arcanjo tenebroso

Cuja cifra imortal,  
Selando-te o sepulcro, abriu-te os olhos  
À luz universal!

#### A CIDADE

A meu predileto amigo o Sr. Dr. Betoldi  
A cidade ali está com seus enganosa,  
Seu cortejo de vícios e traições,  
Seus vastos templos, seus bazares amplos,  
Seus ricos paços, seus bordéis salões.  
A cidade ali está: sobre seus tetos  
Paira dos arsenais o fumo espesso,  
Rolam nas ruas da vaidade os coches  
E ri-se o crime à sombra do progresso.

A cidade ali está: sob os alpendres  
Dorme o mendigo ao sol do meio-dia,  
Chora a viúva em úmido tugúrio,  
Canta na catedral a hipocrisia.

A cidade ali está: com ela o erro,  
A perfídia, a mentira, a desventura...  
Como é suave o aroma das florestas!  
Como é doce das serras a frescura!

A cidade ali está: cada passante  
Que se envolve das turbas no bulício  
Tem a maldade sobre a fronte escrita,  
Tem na língua o veneno e nalma o vício.

Não, não é na cidade que se formam  
Os fortes corações, as crenças grandes,  
Como também nos charcos das planícies  
Não é que gera-se o condor dos Andes!

Não, não é na cidade que as virtudes,  
As vocações eleitas resplandecem,  
Flores de ar livre, à sombra das muralhas  
Pendem cedo a cabeça e amarelecem.

Quanta cena infernal sob essas telhas!  
Quanto infantil vagido de agonia!  
Quanto adultério! Quanto escuro incesto!  
Quanta infâmia escondida à luz do dia!

Quanta atroz injustiça e quantos prantos!  
Quanto drama fatal! Quantos pesares!  
Quanta fronte celeste profanada!  
Quanta virgem vendida aos lupanares!

Quanto talento desbotado e morto!  
Quanto gênio atirado a quem mais der!  
Quanta afeição cortada! Quanta dúvida!  
Num carinho de mãe ou de mulher!

Eis a cidade! Ali a guerra, as trevas,  
A lama, a podridão, a iniquidade;  
Aqui o céu azul, as selvas virgens,  
O ar, a luz, a vida, a liberdade!

Ali medonhos, sórdidos alcouces,  
Antros de perdição, covis escuros,  
Onde ao clarão de braços candeieiros  
Passam da noite os lêmures impuros;

E abalroam-se as múmias coroadas,  
Corpos de lepra e de infecção cobertos,  
Em cujos membros mordem-se raivosos  
Os vermes pelas sedas encobertos!

Aqui verdes campinas, altos montes,  
Regatos de cristal, matas viçosas,  
Borboletas azuis, loiras abelhas,  
Hinos de amor, canções melodiosas.

Ali a honra e o mérito esquecidos,  
Mortas as crenças, mortos os afetos,  
Os lares sem legenda, a musa exposta  
Aos dentes vis de perros objetos!

Presas a virtude ao cofre dos banqueiros,  
A lei de Deus entregue aos histriões!  
Em cada rosto o selo do egoísmo,  
Em cada peito um mundo de traições!

Depois o jogo, a embriaguez, o roubo,  
A febre nos ladrilhos do prostíbulo,  
O hospital, a prisão... Por desenredo  
A imagem pavorosa do patíbulo!

Eis a cidade!... Aqui a paz constante,  
Serena a consciência, alegre a vida,  
Formoso o dia, a noite sem remorsos,  
Pródiga a terra, nossa mãe querida!

Salve, florestas virgens! Rudes serras!  
Templos da imorredoura liberdade!  
Salve! Três vezes salve! Em teus asilos  
Sinto-me grande, vejo a divindade!  
AO RIO DE JANEIRO

Adeus! Adeus! Nas cerrações perdida  
Vejo-te apenas, Guanabara altiva,  
Mole, indolente, à beira-mar sentada,  
Sorrindo às ondas em nudez lasciva.

Mimo das águas, flor do Novo Mundo,  
Terra dos sonhos meus,  
Recebe azinha no passar dos ventos  
Meu derradeiro adeus!

A noite desce, os boqueirões de espuma  
Rugem peçados de ferventes lumes,  
E os loiros filhos do marinho império  
Brotam do abismo em festivais cardumes.

Sinistra voz envia-me aos ouvidos  
Um cântico fatal!  
Permita o fado que a teu seio eu volte,  
Oh! meu torrão natal!

Já no horizonte as plagas se confundem,  
O céu e a terra abraçam-se discretos,  
Leves os vultos das palmeiras tremem  
Como as antenas de sutis insetos.

Agora o espaço, as sombras, a saudade,  
O pranto e a reflexão...  
A alma entregue a si, Deus nas alturas...  
Nos lábios a oração!

Tristes idéias, pensamentos fundos  
Nublam-me a fronte descaída e fria,  
Como esses flocos de neblina errante  
Que os cerros vendam quando morre o dia.

Amanhã, que verei? Talvez o porto,  
Talvez o sol... não sei!  
Brinco do fado, a dor é minha essência,  
O acaso minha lei!...

Que importa! A pátria do poeta o segue  
Por toda a parte onde o conduz a sorte,  
No mar, nos ermos, do ideal nos braços,  
Respeita o selo imperial da morte!

Oceano profundo! Augusto emblema  
Da vida universal!  
Leva um adeus ainda às alvas praias  
De meu torrão natal.

A FLOR DO MARACUJÁ  
Pelas rosas, pelos lírios,  
Pelas abelhas, sinhá,  
Pelas notas mais chorasas  
Do canto do sabiá,  
Pelo cálice de angústias  
Da flor do maracujá!

Pelo jasmim, pelo goivo,  
Pelo agreste manacá,  
Pelas gotas de sereno  
Nas folhas do gravatá,  
Pela coroa de espinhos  
Da flor do maracujá!

Pelas tranças de mãe-d'água  
Que junto da fonte está,  
Pelos colibris que brincam  
Nas alvas plumas do ubá,  
Pelos cravos desenhados  
Na flor do maracujá!

Pelas azuis borboletas  
Que descem do Panamá,  
Pelos tesouros ocultos  
Nas minas do Sincorá,  
Pelas chagas roxeadas  
Da flor do maracujá!

Pelo mar, pelo deserto,  
Pelas montanhas, sinhá!  
Pelas florestas imensas,  
Que falam de Jeová!  
Pela lança ensangüentada  
Da flor do maracujá!

Por tudo o que o céu revela,  
Por tudo o que a terra dá  
Eu te juro que minh'alma  
De tua alma escrava está!...  
Guarda contigo este emblema  
Da flor do maracujá!

Não se enojem teus ouvidos  
De tantas rimas em — á —  
Mas ouve meus juramentos,  
Meus cantos, ouve, sinhá!  
Te peço pelos mistérios  
Da flor do maracujá!

A ROÇA

O balanço da rede, o bom fogo  
Sob um teto de humilde sapé;  
A palestra, os lundus, a viola,  
O cigarro, a modinha, o café;

Um robusto alazão, mais ligeiro  
Do que o vento que vem do sertão,  
Negras crinas, olhar de tormenta,  
Pés que apenas rastejam no chão;

E depois um sorrir de roceira,  
Meigos gestos, requebros de amor,  
Seios nus, braços nus, tranças soltas,  
Moles falas, idade de flor;

Beijos dados sem medo ao ar livre,  
Risos francos, alegres serões,  
Mil brinquedos no campo ao sol posto,  
Ao surgir da manhã mil canções:

Eis a vida nas vastas planícies  
Ou nos montes da terra da Cruz:  
Sobre o solo só flores e glórias,  
Sob o céu só magia e só luz.

Belos ermos, risonhos desertos,  
Livres serras, extensos marnéis,  
Onde muge o novilho anafado,  
Onde nitrem fogosos corcéis...

Onde a infância passei descuidoso.  
Onde tantos idílios sonhei,  
Onde ao som dos pandeiros ruidosos  
Tantas danças da roça dancei...

Onde a viva e gentil mocidade  
Num contínuo folgar consumi,  
Como longe avultais no passado!  
Como longe vos vejo daqui!

Se eu tivesse por livro as florestas,  
Se eu tivesse por mestre a amplidão,  
Por amigos as plantas e as aves,  
Uma flecha e um cocar por brasão;

Não manchara minh'alma inspirada,  
Não gastara meu próprio vigor,  
Não cobrira de lama e de escárnios  
Meus lauréis de poeta e cantor!

Voto horror às grandezas do mundo,  
Mar coberto de horríveis parcéis,  
Vejo as pompas e galas da vida  
De um cendal de poeira através.

Ah! nem creio na humana ciência,  
Triste acervo de enganos fatais,  
O clarão do saber verdadeiro  
Não fulgura aos olhares mortais!

Mas um gênio impiedoso me arrasta,  
Me arremessa do vulgo ao vaivém,  
E eu soluço nas sombras olhando  
Minhas serras queridas além!

#### A CRIANÇA

É menos bela a aurora,  
A neve é menos pura  
Que uma criança loura  
No berço adormecida!  
Seus lábios inocentes,  
Meu Deus, inda respiram  
Os lânguidos aromas  
Das flores de outra vida!

O anjo de asas brancas  
Que lhe protege o sono  
Nem uma nódoa enxerga  
Naquela alma divina!  
Nunca sacode as plumas  
Para voltar às nuvens,  
Nem triste afasta ao vê-la  
A face peregrina!

No seio da criança  
Não há serpes ocultas,  
Nem pérfido veneno,  
Nem devorantes lumes.  
Tudo é candura e festas!  
Sua sublime essência  
Parece um vaso de ouro  
Repleto de perfumes!

E ela cresce, os vícios  
Os passos lhe acompanham,  
Seu anjo de asas brancas  
Pranteia ou torna ao céu.  
O cálice brilhante  
Transborda de absinto,  
E a vida corre envolta



Num tenebroso véu!

Depois ela envelhece.  
Fogem os róseos sonhos,  
O astro da esperança  
Do espaço azul se escoa...

Pende-lhe ao seio a fronte  
Coberta de geadas,  
E a mão rugosa e trêmula  
Levanta-se e abençoa!

Homens! O infante e o velho  
São dois sagrados seres,  
Um deixa o céu apenas,  
O outro ao céu se volta,  
Um cerra as asas débeis  
E adora a divindade...  
O outro a Deus adora  
E as asas níveas solta!

Do querubim que dorme  
Na face alva e rosada  
O traço existe ainda  
Dos beijos dos anjinhos,  
Assim como na fronte  
Do velho brilha e fulge  
A luz que do infinito  
Aponta-lhe os caminhos!

Nestas infaustas eras,  
Quando a família humana  
Quebra sem dó, sem crenças,  
O altar e o ataúde,  
Nos olhos da criança  
Creiamos na inocência,  
E nos cabelos brancos  
Saudemos a virtude!

### EXPIAÇÃO

Quando cansada da vigília insana  
Declino a fronte num dormir profundo,  
Por que teu nome vem ferir-me o ouvido,  
Lembrar-me o tempo que passei no mundo?

Por que teu vulto se levanta airoso,  
Ébrio de almejos de volúpia infinda?  
E as formas nuas, e ofegante o peito,  
No meu retiro vens tentar-me ainda?

Por que me falas de venturas longas?  
Por que me apontas um porvir de amores?  
E o lume pedes à fogueira extinta?  
Doces perfumes a polutas flores?

Não basta ainda essa ignóbil farsa,  
Páginas negras que a teus pés compus?  
Nem estas fundas, perenais angústias,  
Dias sem crenças e serões sem luz?

Não basta o quadro de meus verdes anos,  
Manchado, roto, abandonado ao pó?  
Nem este exílio, do rumor no centro,  
Onde pranteio desprezado e só?

Ah! Não me lembres do passado as cenas!  
Nem essa jura desprendida a esmo!  
Guardaste a tua? A quantos outros, dize,  
A quantos outros não fizeste o mesmo?

A quantos outros, inda os lábios quentes  
De ardentes beijos que eu te dera então,  
Não apertaste no vazio peito  
Entre promessas de eternal paixão?

Oh! Fui um doido que segui teus passos!  
Que dei-te, em versos, da beleza a palma!  
Mas tudo foi-se! e esse passado negro  
Por que sem pena me despertas na alma?

Deixa-me agora repousar tranqüilo!  
Deixa-me agora descansar em paz!...  
Ai! com teus risos de infernal encanto  
Em meu retiro não me tentes mais!

#### NOTURNO

Minh'alma é como um deserto  
Por onde romeiro incerto  
Procura uma sombra em vão;  
É como a ilha maldita  
Que sobre as vagas palpita  
Queimada por um vulcão!

Minh'alma é como a serpente  
Que se torce ébria e demente  
De vivas chamas no meio;  
É como a doida que dança  
Sem mesmo guardar lembrança  
Do cancro que rói-lhe o seio!

Minh'alma é como o rochedo  
Donde o abutre e o corvo tredo  
Motejam dos vendavais;  
Coberto de atros matizes,  
Lavrado das cicatrizes  
Do raio, nos temporais!

Nem uma luz de esperança,  
Nem um sopro de bonança  
Na frente sinto passar!  
Os invernos me despiram,  
E as ilusões que fugiram  
Nunca mais hão de voltar!

Tombam as selvas frondosas,  
Cantam as aves mimosas  
As nênias da viuvez;

Tudo, tudo, vai finando,  
Mas eu pergunto chorando:  
Quando será minha vez?

No véu etéreo os planetas,  
No casulo as borboletas  
Gozam da calma final;  
Porém meus olhos cansados  
São, a mirar, condenados  
Dos seres o funeral!

Quero morrer! Este mundo  
Com seu sarcasmo profundo  
Manchou-me de lodo e fel!  
Minha esperança esvaiu-se,  
Meu talento consumiu-se  
Dos martírios ao tropel!

Quero morrer! Não é crime  
O fardo que me comprime  
Dos ombros lançá-lo ao chão;  
Do pó desprender-me rindo  
E, as asas brancas abrindo,  
Perder-me pela amplidão!

Vem, oh! morte! A turba imunda  
Em sua ilusão profunda  
Te odeia, te calunia,  
Pobre noiva tão formosa  
Que nos espera amorosa  
No termo da romaria!  
Virgens, anjos e crianças,

Coroadas de esperanças,  
Dobram a fronte a teus pés!  
Os vivos vão repousando!  
E tu me deixas chorando!  
Quando virá minha vez?

Minh'alma é como um deserto  
Por onde o romeiro incerto  
Procura uma sombra em vão;  
É como a ilha maldita  
Que sobre as vagas palpita  
Queimada por um vulcão!

#### NARRAÇÃO

Gastei meu gênio, desfolhei sem pena  
A flor da mocidade entre os enganos,  
E, cansado das lidas deste mundo,  
Procurei o deserto aos vinte anos.

A cavalo, sem rumo, o olhar tristonho,  
Na boca o saibo de fatal veneno,  
Percorria as campinas e as montanhas  
Da bela terra de Amador Bueno.

Era no mês de agosto, o mês dos risos,  
Das doces queixas, das canções sentidas,  
Quando no céu azul, ermo de nuvens,  
Passam as andorinhas foragidas.

Quando voltam do exílio as garças brancas,  
Quando as manhãs são ledas e sem brumas,  
Quando sobre a corrente dos ribeiros  
Pende o canavial as alvas plumas;

Quando palram no mato os periquitos,  
Quando corre o tatu pelas roçadas,  
Quando chilra a cigarra nos fragedos  
E geme a juriti nas assomadas;

Quando os lagartos dormem no caminho,  
Quando os macacos pulam nas palmeiras,  
Quando se casa o grito da araponga  
À triste e surda voz das cachoeiras;

Então que de poemas nas florestas!  
Que de sonhos de amor pelas choupanas!  
Que de selvagens, místicos rumores  
Dos lagos pelas verdes espadanas!

Um brando véu da languidez divina

Paira sobre a cabeça dos viventes,  
Vergam-se as maravilhas sobre as hastes,  
Refrescam-se os cipós sobre as torrentes.

Quedam-se as borboletas nos pomares,  
Gemem os sabiás pelos outeiros,  
Chamam-se enamorados os canários,  
E os fulvos bem-te-vis nos ingazeiros.

O lavrador recolhe-se à palhoça,  
Reclina-se na esteira e se espreguiça,  
E entre os folguedos da bendita prole  
Se entrega ao doce vício da preguiça.

O viandante pára nas estradas,  
Abre os alforjes, e do mato à sombra,  
Depois de cheio e farto, fuma e sonha  
Da mole grama da macia alfombra.

A natureza inteira ama e soluça,  
Ébria de afrodisíacos perfumes,  
E a mente solitária do poeta  
Se abrasa em chamas de insensatos lumes.

Foi quando vi Mimosa a vez primeira,  
Beija-flor do deserto, agreste rosa,  
Gentil como a Dalila da Escritura,  
Mais ingênua, porém, mais amorosa...

Punha-se o sol; as sombras sonolentas  
Mansamente nos vales se alongavam,  
Bebiam na taberna os arrieiros  
E as bestas na poeira se espojavam.

O fogo ardia vívido e brilhante  
No vasto rancho ao lado do jirau,  
Onde os tropeiros sobre fulvos couros  
Entregavam-se ao culto do pacau.

A cachaça alegrava os olhos todos,  
As cuias de café se repetiam,  
E as fátuas baforadas dos cachimbos  
Nos caibros fumarentos se perdiam.

A viola soava alegremente...  
Que meigas notas! Que tanger dorido!  
Vida de sonhos, drama de aventuras,  
Não, vós não morrereis no mar do olvido!

Mimosa estava em pé sobre a soleira

Da exígua entrada da mesquinha venda,  
Saudosa, como à sombra do passado  
Um tipo de balada ou de legenda.

Saudosa, sim, cercada do prestígio  
Dessa beleza vaga, indefinível,  
Cuja expressão completa em vão procura  
O pobre pensador sobre o visível!

Que faz lembrar o que existiu, é certo,  
Porém aonde e quando? Que tortura  
A memória impotente e em vez de um fato  
Mostra ao poeta o abismo da loucura!

Indeciso clarão de uma outra vida!  
Fugitivo ondular, dobra ligeira  
Do manto do ideal estremecendo  
Entre bulções de fumo e de poeira!

Raio de Deus na face da matéria!  
Frouxo luzir do sol da poesia!  
Eu vos contemplarei a pura essência?  
Eu poderei gozar-vos algum dia?

Nada de digressões. Minha heroína  
Fumava um cigarrinho branco, leve,  
Delgado como um brinco de criança,  
Como um torrão de açúcar ou de neve.

E o vapor azulado lhe vendava  
De quando em quando as faces peregrinas...  
Parecia uma fada do Oriente,  
Uma visão do ópio entre neblinas.

A saia de ramagens caprichosas  
Caía-lhe em prodígios da cintura,  
Entre os bordados da infiel camisa  
Tremiam dois delírios de escultura.

Sobre a direita a perna esquerda curva,  
Capaz de enlouquecer Fídias — o mestre,  
Dava um encanto singular ao vulto  
Daquela altiva perfeição campestre.

Depois em tamanquinhos amarelos  
Pés de princesa, pés diminutivos,  
Cútis morena revelando à vista,  
Do pêssego e do jambo os tons lascivos.

Olhos ébrios de fogo, vida e gozo,

Sombrias palpitantes mariposas,  
Cabelos negros, bastos, enastrados  
De roxos manacás e rubras rosas.

Eis Mimosa! Seu corpo trescalava  
O quente e vivo aroma da alfazema,  
Perfume de cabocla e de roceira,  
Porém que para mim vale um poema!

#### DE CANTOS DO ERMO E DA CIDADE

##### EU AMO A NOITE

Eu amo a noite quando deixa os montes,  
Bela, mas bela de um horror sublime,  
E sobre a face dos desertos quedos  
Seu régio selo de mistério imprime.

Amo o sinistro ramalhar dos cedros  
Ao rijo sopro da tormenta infrene,  
Quando antevendo a inevitável queda  
Mandam aos ermos um adeus solene.

Amo os penedos escarpados onde  
Desprende o abutre o prolongado pio,  
E a voz medonha do caimã disforme  
Por entre os juncos de lodoso rio.

Amo os lampejos verde-azuis, funéreos,  
Que às horas mortas erguem-se da terra  
E enchem de susto o viajante incauto  
No cemitério de sombria serra.

Amo o silêncio, os areais extensos,  
Os vastos brejos e os sertões sem dia,  
Porque meu seio como a sombra é triste,  
Porque minh'alma é de ilusões vazia.  
Amo o furor do vendaval que ruge,  
Das asas densas sacudindo o estrago,  
Silvos de balas, turbilhões de fumo,  
Tribos de corvos em sangrento lago.

Amo as torrentes que da chuva túmidas  
Lançam aos ares um rumor profundo,  
Depois raivosas, carcomendo as margens,  
Vão dos abismos pernoitar no fundo.

Amo o pavor das soledades, quando  
Rolam as rochas da montanha erguida,  
E o fulvo raio que flameja e tomba  
Lascando a cruz da solitária ermida.

Amo as perpétuas que os sepulcros ornaram,  
As rosas brancas desbrochando à lua,  
Porque na vida não terei mais sonhos,  
Porque minh'alma é de esperanças nua.

Tenho um desejo de descanso, infindo,  
Negam-me os homens; onde irei achá-lo?  
A única fibra que ao prazer ligava-me  
Senti partir-se ao derradeiro abalo!...

Como a criança, do viver nas veigas,  
Gastei meus dias namorando as flores,  
Finos espinhos os meus pés rasgaram,  
Pisei-os ébrio de ilusões e amores.

Cendal espesso me vendava os olhos,  
Doce veneno lhe molhava o nó...  
Ai! minha estrela de passadas eras,  
Por que tão cedo me deixaste só?

Sem ti, procuro a solidão e as sombras  
De um céu toldado de feral caligem,  
E gasto as horas traduzindo as queixas  
Que à noite partem da floresta virgem.

Amo a tristeza dos profundos mares,  
As águas torvas de ignotos rios,  
E as negras rochas que nos plainos zombam  
Da insana fúria dos tufões bravios.

Tenho um deserto de amarguras nalma,  
Mas nunca a fronte curvarei por terra!...  
Ah! tremo às vezes ao tocar nas chagas,  
Nas vivas chagas que meu peito encerra!

#### A VOLTA

A casa era pequenina...  
Não era? Mas tão bonita  
Que teu seio inda palpita  
Lembrando dela, não é?

Queres voltar? Eu te sigo;  
Eu amo o ermo profundo...  
A paz que foge do mundo  
Preza os tetos de sapê.

---

Bem vejo que tens saudades...  
Não tens? Pobre passarinho!



De teu venturoso ninho  
Passaste à dura prisão!

---

Vamos, as matas e os campos  
Estão cobertos de flores,  
Tecem mimosos cantores  
Hinos à bela estação.

---

E tu mais bela que as flores...  
Não cores... aos almos cantos  
Ajuntarás os encantos  
De teu gorjeio infantil.

Escuta, filha, a estas horas,  
Que a sombra deixa as alturas,  
Lá cantam as saracuras  
Junto aos lagos cor de anil...

---

Os vaga-lumes em bando  
Correm sobre a relva fria,  
Enquanto o vento cicia  
Na sombra dos taquarais...

E os gênios que ali vagueiam,  
Mirando a casa deserta,  
Repetem de boca aberta:  
Acaso não virão mais?

---

Mas, nós iremos, tu queres,  
Não é assim? Nós iremos;  
Mais belos reviveremos  
Os belos sonhos de então.  
E, à noite, fechada a porta,  
Tecendo planos de glórias,  
Contaremos mil histórias,  
Sentados junto ao fogão.

#### A DESPEDIDA

I

Filha dos cerros onde o sol se esconde,  
Onde brame o jaguar e a pomba chora,  
São horas de partir, desponta a aurora,

Deixa-me que te abrace e que te beije.

Deixa-me que te abrace e que te beije,  
Que sobre o teu meu coração palpite,  
E dentro d'alma sinta que se agite  
Quanto tenho de teu impresso nela.

Quanto tenho de teu impresso nela,  
Risos ingênuos, prantos de criança,  
E esses tão lindos planos de esperança  
Que a sós na solidão traçamos juntos.

Que a sós na solidão traçamos juntos,  
Sedentos de emoções, ébrios de amores,  
Idólatras da luz e dos fulgores  
De nossa mãe sublime, a natureza!

De nossa mãe sublime, a natureza,  
Que nossas almas numa só fundira,  
E a inspiração soprara-me na lira  
Muda, arruinada nos mundanos cantos.  
Muda, arruinada nos mundanos cantos,  
Mas hoje bela e rica de harmonias,  
Banhada ao sol de teus formosos dias,  
Santificada à luz de teus encantos!

## II

Adeus! Adeus! A estrela matutina  
Pelos clarões da aurora deslumbrada  
Apaga-se no espaço,  
A névoa desce sobre os campos úmidos,  
Erguem-se as flores trêmulas de orvalho  
Dos vales no regaço.

Adeus! Adeus! Sorvendo a aragem fresca,  
Meu ginete relincha impaciente  
E parece chamar-me...  
Transpondo em breve o cimo deste monte,  
Um gesto ainda, e tudo é findo! O mundo  
Depois pode esmagar-me.

Não te queixes de mim, não me crimines,  
Eu depus a teus pés meus sonhos todos,  
Tudo o que era sentir!  
Os algozes da crença e dos afetos  
Em torno de um cadáver de ora em diante  
Hão de embalde rugir.

Tu não mais ouvirás os doces versos

Que nas várzeas viçosas eu compunha,  
Ou junto das torrentes;  
Nem teus cabelos mais verás ornados,  
Como a pagã formosa, de grinaldas  
De flores rescendentes.

Verás tão cedo ainda esvaecida,  
A mais linda visão de teus desejos,  
Aos látegos da sorte!  
Mas eu terei de Tântalo o suplício!  
Eu pedirei repouso de mãos postas,  
E será surda a morte!

Adeus! Adeus! Não chores, que essas lágrimas  
Coam-me ao coração incandescentes,  
Qual fundido metal!  
Duas vezes na vida não se as vertem!  
Enxuga-as, pois; se a dor é necessária,  
Cumpra-se a lei fatal!

#### CONFORTO

Deixo aos mais homens a tarefa ingrata  
De maldizer teu nome desditoso;  
Por mim nunca o farei:  
Como a estrela no céu vejo tu'alma,  
E como a estrela que o vulcão não tolda,  
Pura sempre a encontrei.

Dos juízos mortais toda a miséria  
Nos curtos passos de uma curta vida  
Também, também sofri,  
Mas contente no mundo de mim mesmo,  
Menos grande que tu, porém mais forte,  
Das calúnias me ri.

A turba vil de escândalos faminta,  
Que das dores alheias se alimenta  
E folga sobre o pó,  
Há de soltar um grito de triunfo,  
Se vir de leve te brilhar nos olhos  
Uma lágrima só.  
Oh! Não chores jamais! A sede imunda,  
Prantos divinos, prantos de martírio,  
Não devem saciar...  
O orgulho é nobre quando a dor o ampara,  
E se lágrima verte é funda e vasta,  
Tão vasta como o mar.

É duro de sofrer, eu sei, o escárnio  
Dos seres mais nojentos que se arrastam

Ganindo sobre o chão,  
Mas a dor majestosa que incendeia  
Dos eleitos a frente os vis deslumbra  
Com seu vivo clarão.

Curve-se o ente imbele que, despido  
De crenças e firmeza, implora humilde  
O arrimo de um senhor,  
O espírito que há visto a claridade  
Rejeita todo o auxílio, rasga as sombras,  
Sublime em seu valor.

Deixa passar a doida caravana,  
Fica no teu retiro, dorme sem medo,  
Da consciência à luz;  
Livres do mundo um dia nos veremos,  
Tem confiança em mim, conheço a senda  
Que ao repouso conduz.

#### VISÕES DA NOITE

Passai, tristes fantasmas! O que é feito  
Das mulheres que amei, gentis e puras?  
Umas devoram negras amarguras,  
Repousam outras em mármoreo leito!

Outras no encalço de fatal proveito  
Buscam à noite as saturnais escuras,  
Onde, empenhando as murchas formosuras,  
Ao demônio do ouro rendem preito!

Todas sem mais amor! sem mais paixões!  
Mais uma fibra trêmula e sentida!  
Mais um leve calor nos corações!

Pálidas sombras de ilusão perdida,  
Minh'alma está deserta de emoções,  
Passai, passai, não me poupeis a vida!

#### O CANTO DOS SABIÁS

Serão de mortos anjinhos  
O cantar de errantes almas,  
Dos coqueirais florescentes  
A brincar nas verdes palmas,  
Estas notas maviosas  
Que me fazem suspirar?

São os sabiás que cantam  
Nas mangueiras do pomar.

Serão os gênios da tarde  
Que passam sobre as campinas,

Cingido o colo de opalas  
E a cabeça de neblinas,  
E fogem, nas harpas de ouro  
Mansamente a dedilhar?

São os sabiás que cantam...  
Não vês o sol declinar?

Ou serão talvez as preces  
De algum sonhador proscrito,  
Que vagueia nos desertos,  
Alma cheia do infinito,  
Pedindo a Deus um consolo  
Que o mundo não pode dar?

São os sabiás que cantam...  
Como está sereno o mar!

Ou, quem sabe? As tristes sombras  
De quanto amei neste mundo,  
Que se elevam lacrimosas  
De seu túmulo profundo,  
E vêm os salmos da morte  
No meu desterro entoar?

São os sabiás que cantam...  
Não gostas de os escutar?

Serás tu, minha saudade?  
Tu, meu tesouro de amor?  
Tu que às tormentas murchaste  
Da mocidade na flor?  
Serás tu? Vem, sê bem-vinda  
Quero-te ainda escutar!

São os sabiás que cantam  
Antes da noite baixar.

Mas ah! delírio insensato!  
Não és tu, sombra adorada!  
Não são cânticos de anjinhos,  
Nem de falange encantada,  
Passando sobre as campinas  
Nas harpas a dedilhar!

São os sabiás que cantam  
Nas mangueiras do pomar!

O RESPLENDOR DO TRONO  
Que vale a pompa e o resplendor do trono!

Triste vaidade! O albergue de um colono  
Mais encantos encerra e mais doçuras!  
De calma consciência à sombra amiga  
Floresce o riso e o júbilo se abriga,  
Livre de enganos e visões escuras.

Quem não aspira da grandeza aos combros  
Tem segura a cabeça sobre os ombros,  
E a vereda conhece onde caminha;  
Dorme sem medo, acorda sem pesares,  
E vê, feliz, a prole junto aos lares  
Vigorosa estender-se como a vinha.

Sob os dosséis dos sólios a mentira  
Boceja e o corpo sensual estira  
No tapete macio dos degraus...  
São sempre incertos do reinante os passos!  
Ame embora a verdade, ocultos laços  
Prendem-no cego aos cálculos dos maus!

Oh! Ditoso mil vezes o operário!  
Ama o trabalho, e o módico salário  
De prantos nem de sangue está manchado!  
Combates não planeja em vasta liça!  
Nem das vítimas ouve da injustiça  
A queixa amarga e o clamoroso brado!

Não desperta alta noite em sobressalto!  
Nem dos cuidados ao cruento assalto  
Sobre o ouro e o cetim geme e delira!  
Qual manso arroio sobre a terra corre,  
E no meio dos seus tranqüilo morre  
Como a nota de um canto em branda lira!  
Não invejeis as pompas das alturas!  
O raio deixa os vales e as planuras,  
A tempestade preza as serranias!...  
Quereis saber da majestade a glória?  
Lede nos régios túmulos a história  
Dos soberanos de passados dias!

#### EM VIAGEM

A vida na cidades me enfastia,  
Enoja-me o tropel das multidões,  
O sopro do egoísmo e do interesse  
Mata-me nalma a flor das ilusões.

Mata-me nalma a flor das ilusões  
Tanta mentira, tão fingido rir,  
E cheio e farto de tristeza e tédio  
Rejeito as glórias de falaz porvir!

Rejeito as glórias de falaz porvir,  
Galas e festas, o prazer talvez,  
E busco altivo as solidões profundas  
Que dormem quedas do Senhor aos pés.

Que dormem quedas do Senhor aos pés,  
Ao doce brilho dos clarões astrais,  
Ricas de gozos que não tem o mundo,  
Pródigas sempre de beleza e paz!

#### A SOMBRA

Longe, longe das águas-marinhas,  
Sobre vastas campinas pousada,  
Sempre aos raios de um sol resplendente,  
Se ostentava risonha morada.

Nas planícies que a vista não vence  
Espalhadas pastavam cem reses,  
Ora junto das fontes tranqüilas,  
Escondidas no mato outras vezes...

Ao portão, de manhã, reunidas,  
Meio ocultas no véu da neblina,  
O senhor esperar pareciam  
Sempre amigo da luz matutina.

E, depois que seu vulto bondoso  
Da janela sorrindo as olhava,  
Se afastavam contentes, pulando  
Sobre a grama que o orvalho banhava.

Quando além das montanhas o dia  
Apagava seu raio final,  
Acudindo do amo aos clamores  
Todo o gado se achava no vale.

E em torno dele um círculo formando  
Humildes e silentes,  
Cada qual por sua vez se adiantando,  
Vinham lambem o sal que apresentavam  
As mãos benevolentes,  
As mãos benevolentes que adoravam.  
E o manso gado as falas lhe entendia  
E os tenros bezerrinhos  
Saltitavam trementes de alegria  
A seus meigos carinhos...

Talvez sondasse nesses pobres brutos,  
Sob esses pêlos ríspidos, hirsutos,  
Um oculto clarão,

Raio de encarcerada inteligência,  
Que a doida, pobre e mísera ciência,  
Trucidando sem pena a criação,  
Procura sempre, mas procura em vão.

Passaram tempos, e o vaqueiro é morto...  
Da velha habitação só muros restam,  
E às já despidas, murchas laranjeiras  
Espinheiros entestam.

Sobre montões de pedra as lagartixas  
Leves se arrastam sobre o musgo vil.  
Traidoras vespas nos esteios podres  
Formaram seu covil.

O sol, que outrora derramava em torno  
Raios de luz, torrentes de alegria,  
Hoje atira do espaço ao lar deserto  
Um riso de ironia.

Não mais perfumes pelos ares giram,  
Não mais os ventos suspirando passam,  
Somente impuro odor, silvo de serpes  
No ambiente perpassam.

Parece que ao pairar nesses lugares  
Todo o seu ódio o estrago sacudira,  
E o espírito do mal no chão gretado  
A saliva cuspira.

Viajor, viajor, não te aproximes  
Do ermo sítio que o terror marcou,  
A mão de Deus talvez ardendo em iras  
Pesada ali tocou.

Porém quando no ocidente  
Vai baixando o orbe imortal,  
As reses sempre constantes  
Se ajuntam todas no vale.

E nessa mesma paragem,  
Onde as chamava o senhor,  
Talvez do defunto à sombra  
Reúnem-se ao derredor.

E magem, magem debalde,  
Tristonhas cavando o chão,  
Fitando doridos olhos  
No astro rei da amplidão.



Mas o sol não as escuta,  
Mas o sol caindo vai,  
Imagem de um deus cruento,  
Cruenta imagem de pai.

E o caminheiro, que ao longe  
Das serras descendo vem,  
Não passa perto das ruínas,  
Procura outra senda além.

#### A LENDA DO AMAZONAS

Quando vestido de brilhante púrpura  
Surgia o sol no céu,  
Deixei a medo os majestosos píncaros  
Onde habita o condor,  
E guardando do frio os seios trêmulos  
Nas dobras do brial,  
Como errante cegonha ou pomba tímida,  
Às planícies voei.  
Em meus cabelos ciciavam, lânguidos,  
Os sopros da manhã,  
Clarões e névoas, iriantes círculos,  
Giravam-me ao redor...  
Mas sobre o leito de tecidos flácidos,  
Inclinada a sorrir,  
Deixava-me rolar aos doces cânticos  
Dos gênios do arrebol.  
Já perdendo de vista os Andes túrbidos  
Sobre rochas pousei...  
Sobre rochas pousei... as virgens cândidas,  
Louras filhas do ar,  
Trocaram-me do corpo a etérea túnica  
Por manto de cristal,  
Cantaram-me ao ouvido um hino mágico  
Que falava de amor,  
Tão meigo e triste como a voz da América  
Em seu berço de luz.  
Cingiram-me a cabeça dos mais límpidos  
Diamantes e rubins;  
Das borboletas leves e translúcidas  
Do verde Penamá  
Formaram-me sutil, brilhante séquito;  
Aspergiram-me os pés  
Do perfume das flores mais balsâmicas  
Das savanas sem fim,  
E, me apontando da floresta os dédalos  
Pejados de frescor  
Deram-me abraços mil, ardentes ósculos,  
E deixaram-me só...  
E deixaram-me só; nos vastos âmbitos

Sem rumo, me perdi,  
Meus olhos inundaram-se de lágrimas,  
Quis aos montes voltar...  
Mas o treno saudoso dos espíritos  
À minh'alma falou,  
E ao grato acento dessas queixas místicas  
De novo me alentei.  
Desci das brenhas pensativa, atônita,  
Olhos fitos além,  
Meu manto sobre a rocha um surdo estrépido  
Desprendia ao roçar...  
E meus cabelos borrifados, úmidos  
De sereno estival,  
Salpicavam, ao sol, de infindas pérolas  
O desnudado chão.  
Os velhos cedros com seus ramos ásperos,  
Saudaram-me ao passar,  
Os cantores das matas, em miríades,  
Os coqueirais senis  
Bradaram numa voz: — oh! filha esplêndida  
Da eterna criação,  
Corre, que ao lado do soberbo tálamo  
Por ti suspira o mar!...  
Ao meio-dia, extenuada, mórbida  
Pelo intenso calor,  
De um mundo ignoto sob a imensa cúpula  
Solitária me achei.  
Argêntas fontes, sonorosos zéfiros,  
Rumores divinais,  
Grutas de sombra e de frescura próvidas,  
Multicores dosséis,  
A cujo abrigo um turbilhão de pássaros  
Cruzava a trinar  
Um não sei quê de vago e melancólico,  
De infinito talvez,  
Acenderam-me ao seio a chama insólita  
De estranha sensação!  
Sentei-me ao lado de um rochedo côncavo  
E procurei dormir...  
E procurei dormir; — as plagas túmidas,  
O indizível amor  
Que transudava dos sussurros épicos  
Dos sombrios pinhais,  
Em cujas grimpas ramalhavam séculos,  
Dormia a tradição;  
Da rola do deserto as flébeis súplicas,  
A tênue, frouxa luz  
Coando entre os rasgados espiráculos  
Desse zimbório audaz  
Por mil colunas desmarcadas, ríspidas,

Sustentado ante o céu,  
Vedaram-me o repouso, e a mente estática.  
Em santa reflexão  
Senti volver-se as cenas de outras épocas.  
Ah! que tudo passou!  
Como o sol era belo e a terra lúcida!  
Como era doce a paz!  
Da família indiana em noite plácida  
Junto ao fogo a dançar!  
Como era calmo e belo e vivo o júbilo  
Das filhas de Tupã  
Depondo junto ao fogo os anchos cântaros  
E atrás dos colibris  
Correndo alegres nos relvosos páramos!  
E a voz do pescador  
Sobre as águas plangentes e diáfanas  
De ameno ribeirão!  
E o rápido silvar das setas rápidas  
Os urros do jaguar,  
A volta da caçada, os hinos férvidos  
Nos festins anuais!  
Tudo findou-se! A mão cruel, mortífera,  
De uma idade feroz  
Tantas glórias varreu, e nem um dístico  
Deixou no chão sequer!  
Apenas no deserto ermos sarcófagos  
Sem mais cinzas, nem pó,  
Negras imagens de figuras híbridas,  
Soltas aqui e ali,  
Resistem do destino ao rijo látego!...  
Mas das eras de então  
Nada revelam no silêncio gélido!...  
Meu Deus e meu Senhor!  
Eu que vi construir-se o imenso pórtico  
Do edifício imortal,  
Donde ao vivo luzir dos astros fúlgidos  
Todo o ser rebentou,  
Eu que pelas planícies inda cálidas  
De vosso bafejar,  
Vi deslizar o Tigre, o Eufrates célebre,  
O sagrado Jordão...  
Eu sem nome, sem glórias e sem pátria,  
Entre os densos cocais,  
Ia, bem como as gerações sem número,  
Absorta escutar  
Dos santos querubins a voz melódica!...  
Eu que pobre e sem guia,  
Pobre e sem guia nos desertos áridos,  
Teu poder, grande Deus,  
Pressentia no ar, no céu, nos átomos...

Vi também sob o sol  
Afogarem-se os orbes no crepúsculo  
De uma noite fatal,  
E à lareira da vida erguer-se impávido  
O nada aterrador!  
Vi num combate pavoroso e tétrico,  
Torva, escura epopéia,  
O fantasma do estrago, a morte esquálida  
Vencer a criação,  
Devorar-lhe sem penas as quentes vísceras,  
Dilacerar sem dó  
Da madre natureza as fibras íntimas!  
Vi à luz dos fuzis,  
Do abutre da tormenta a insana cólera  
A floresta cair;  
Vi negras feras e serpentes pérfidas,  
Demônios de furor,  
Alastrarem a terra de cadáveres  
De pobres animais;  
E deste solo de imundícias lúbrico,  
Também vi se elevar  
A própria vida de destroços pútridos!...  
Meu Deus e meu Senhor,  
O que diz esta lei crua e fatídica?...  
Sobre o vale da dor,  
Sobre o vale da dor mirando as nuvens,  
Cismando no porvir,  
Eu também moça sinto-me decrépita!  
Vê-me a aurora nascer,  
Mas ouve a noite meus cantares fúnebres!  
A alvorada outra vez  
Das cinzas de meus restos inda tépidas  
Rediviva me vê!...  
Eu murmurava assim triste e perplexa  
Cortando a solidão...  
As estrelas surgiam belas, nítidas  
No céu de puro anil,  
O bando vagabundo das lucíolas,  
Rastejando os pauís  
Derramavam clarões débeis e fátuos  
Nas plantas ao redor,  
Línguas de fogo verde-azul fosfórico  
Cruzavam-se no ar...  
A terra e os astros num sorrir recíproco  
Pareciam se unir,  
Uma para beijar o azul sidéreo,  
Outros para verter  
No seio que sofre um doce bálsamo.  
A branca lua  
Pura se erguia na celeste abóbada,

Tudo era paz e amor,  
Vozes e saudações, hinos angélicos!  
Um ténue, langue véu  
Senti passar-me pelos olhos ávidos;  
Um perfume feliz  
Ungiu-me a fronte de venturas ébria,  
Pensei adormecer!  
Mas ah! Quando de novo abri as pálpebras,  
Reclinado a meus pés,  
Coroados de espumas e chamas vívidas,  
Prostrado estava o Mar.  
Como a noite era bela e a terra lúcida!

#### ESTÂNCIAS

O que eu adoro em ti não são teus olhos,  
Teus lindos olhos cheios de mistério,  
Por cujo brilho os homens deixariam  
Da terra inteira o mais soberbo império.

O que eu adoro em ti não são teus lábios,  
Onde perpétua juventude mora,  
E encerram mais perfumes do que os vales  
Por entre as pompas festivas da aurora.

O que eu adoro em ti não é teu rosto  
Perante o qual o mármore descorara,  
E ao contemplar a esplêndida harmonia  
Fídias, o mestre, seu cinzel quebrara.

O que eu adoro em ti não é teu colo,  
Mais belo que o da esposa israelita,  
Torre de graças, encantado asilo,  
Aonde o gênio das paixões habita.  
O que eu adoro em ti não são teus seios,  
Alvas pombinhas que dormindo gemem,  
E do indiscreto vôo duma abelha  
Cheias de medo em seu abrigo tremem.

O que eu adoro em ti, ouve, é tu'alma,  
Pura como o sorrir de uma criança,  
Alheia ao mundo, alheia aos preconceitos,  
Rica de crenças, rica de esperança.

São as palavras de bondade infinda  
Que sabes murmurar aos que padecem,  
Os carinhos ingênuos de teus olhos  
Onde celestes gozos transparecem!...

Um não sei quê de grande, imaculado,  
Que faz-me estremecer quando tu falas,  
E eleva-me o pensar além dos mundos

Quando, abaixando as pálpebras, te calas.

E por isso em meus sonhos sempre vi-te  
Entre nuvens de incenso em aras santas,  
E das turbas solícitas no meio  
Também contrito hei-te beijado as plantas.

E como és linda assim! Chamas divinas  
Cercam-te as faces plácidas e belas,  
Um longo manto pende-te dos ombros  
Salpicado de nítidas estrelas!

Na doida pira de um amor terrestre  
Pensei sagrar-te o coração demente...  
Mas ao mirar-te deslumbrou-me o raio...  
Tinhas nos olhos o perdão somente!

#### O ARREPENDIMENTO

Tens razão: já, soberana,  
Viste-me curvo a teus pés!  
Alma que do mal se ufana,  
Tarde conheço quem és!  
Mas a imagem que eu buscava,  
Por quem meu ser suspirava...  
Nem pressentiste sequer,  
Quando uma fada invocando  
Me vergava soluçando,  
Prestava culto à mulher.

Tens razão, por grata estrela  
Tomei teu brilho falaz,  
Sinistra luz da procela,  
Círio das horas fatais!  
Segui-te através de enganos,  
Cheio de sonhos insanos,  
Cheio de amor e de afã!  
Sombra de arcanjo caído!  
Busto inda quente, incendiado  
Pelos beijos de Satã!

Na fronte cor de açucena  
Tinhas brilho sedutor,  
Mas eras qual essa flor,  
Cujo perfume envenena!  
Tinhas nos olhos brilhantes  
Os reflexos cambiantes  
De uma aurora de verão,  
Mas como a charneca escura  
Só podridão, lama impura,  
Guardavas no coração!

Na negra esteira dos vícios  
Que os decaídos formaram,  
Teus funestos artifícios  
Iludido me arrojaram!  
Amei-te: amar foi perder-me!  
Foi beijar da terra o verme,  
Crendo-o Deus da vastidão...  
Em vez do sol que buscava,  
Louco afoguei-me na lava  
De medonho, atroz vulcão!

Da vida estraguei por ti  
Das quadras a mais risonha;  
Mas hoje sinto a peçonha  
Que nos teus lábios bebi!  
Em meio de minha idade  
Tenho nalma a soledade,  
Na frente o gelo eternal;  
Sinto a morte nas artérias,  
E ao medir minhas misérias  
Me orgulho de ser mortal!

#### ENOJO

Vem despontando a aurora, a noite morre,  
Desperta a mata virgem seus cantores,  
Medroso o vento no arraial das flores  
Mil beijos furta e suspirando corre.

Estende a névoa o manto e o vale percorre,  
Cruzam-se as borboletas de mil cores,  
E as mansas rolas choram seus amores  
Nas verdes balsas onde o orvalho escorre.  
E pouco a pouco se esvaece a bruma,  
Tudo se alegra à luz do céu risonho  
E ao flóreo bafo que o sertão perfuma.

Porém minh'alma triste e sem um sonho  
Murmura, olhando o prado, o rio, a espuma:  
— Como isto é pobre, insípido, enfadonho!

#### O MESMO

Desde a quadra mais antiga  
De que rezam pergaminhos,  
Cantam a mesma cantiga  
Na floresta os passarinhos.

Têm o mesmo aroma as flores,  
Mesma verdura as campinas,  
A brisa os mesmos rumores,

Mesma leveza as neblinas.

Tem o sol as mesmas luzes,  
Tem o mar as mesmas vagas,  
O deserto as mesmas urzes,  
A mesma dureza as fragas.

Os mesmos tolos o mundo,  
A mulher o mesmo riso,  
O sepulcro o mesmo fundo,  
Os homens o mesmo siso.

E neste insípido giro,  
Neste vôo sempre a esmo,  
Vale a pena, em seu retiro,  
Cantar o poeta, mesmo?

A UM MONUMENTO  
Triste negra vassalagem  
Do mais baixo servilismo,  
Negreja no espaço a imagem  
Consagrada ao despotismo.

E em torno dela agrupados,  
Vergonha de nossa idade!  
Estão os vultos sentados  
Dos filhos da liberdade!

O povo curva-se e passa,  
Porque não vê a ironia  
Que encerra essa brônzea massa  
Indigna da luz do dia.

Porque nunca leu a história  
Das turvas eras passadas,  
Folhas brilhantes de glória,  
Mas de sangue borrifadas.

Porque não conhece o drama  
Do mártir que ali morrera,  
Por zelar a sacra chama  
Que a liberdade acendera.

Pobre turba! Néscia e fátua,  
Na sua soberania,  
Beija os pés à fria estátua  
Que há de esmagá-la algum dia!

**FIM**



# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)